



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING - Notícias

05 e 06.03.2013

Edição e Seleção

Eliza Barreto
Fernando Leão
Maria Elisabete da Costa
Mônica Nubiato
Paulo Affonso
Thais Budó

Sumário

CORREIO BRAZILIENSE	4
Mundo	4
Parceiros estratégicos	4
Revolução Bolivariana em xeque	5
Tempo de mudanças	8
FOLHA DE S. PAULO	10
Mundo	10
Chávez se via como figura de transição na história do país	10
Análise: Vendida como o martírio do líder, agonia final dará força a Maduro	13
Vice tem desafio de manter chavismo unido	15
Governo brasileiro aposta na eleição de Maduro para suceder Chávez	16
O ESTADO DE SÃO PAULO	17
Radar Global	17
Morre o presidente venezuelano Hugo Chávez	17
Internacional	19
'Perdemos um amigo do Brasil', diz Dilma	19

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Ecuador busca acordo para reforma da CIDH	21
Após anunciar morte do líder, Maduro recebe apoio da cúpula do Exército	22
Política	24
Itamaraty divulga nota de pêsames pela morte de Chávez	24
Economia.....	24
Venda de carro é recorde no bimestre	24
VALOR ECONÔMICO	26
Internacional.....	26
Morte abre disputa pelo poder na Venezuela	26
Ajuste na economia será desafio para Maduro	27
O legado de Chávez.....	28
Brasil	31
Bird prevê expansão de 3,5%.....	31
Lei de produtos químicos da UE já afeta Brasil.....	32
O GLOBO	34
Mundo.....	34
Maduro assume, e Venezuela terá eleições em 30 dias, diz chanceler	34
'Chávez foi meu adversário, nunca meu inimigo', diz líder opositor	35
Kirchner, Mujica e Morales chegam a Caracas para se despedir de Chávez	36
Conselho dos Direitos Humanos da ONU faz minuto de silêncio para Chávez	36
Dilma decreta luto de três dias pela morte de Hugo Chávez	38
UE recebeu com pesar a notícia da morte de Chávez	39
China considera Chávez um grande líder e amigo	40
Putin afirma que Chávez era um homem fora do comum que olhava para o futuro	40
Grã-Bretanha nega que irá impor restrições para vistos a brasileiros.....	41
O que diz a Constituição sobre a sucessão de Chávez	42
Economia.....	44
Declarada situação de emergência fitossanitária em lavouras de algodão	44
AGÊNCIA BRASIL	44
Economia.....	45
BNDES: investimentos na economia brasileira entre 2013 e 2016 aumentarão 29%	45
Internacional.....	47
Líderes políticos latino-americanos e do Caribe lamentam morte de Chávez	47
Patriota diz que Chávez deixa marca da liderança e da integração regional	48
PRENSA LATINA	48
Países da ALBA são um grande legado do presidente Chávez	49
Aladi analisa laços da Ásia-América Latina e Caribe.....	49
Promotoria boliviana acerta detalhes para extradição de ex-presidente	50
TÉLAM	52

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Mundo	52
Tras la muerte de Chávez, asumirá Nicolás Maduro y convocará a elecciones	52
Maduro: de chofer del metro de Caracas a sucesor de Chávez.....	53
Mandatarios y gobiernos del mundo se hacen eco de la muerte de Chávez	54
Un líder regional que pasó de socio a amigo de la Argentina	56
Economía.....	58
La producción nacional de autos ascendió en febrero un 20%	58
PÁGINA/12	59
Mundo	59
El líder que encarnó la Revolución Bolivariana	60
Una relación consolidada por el No al ALCA.....	64
Economía.....	66
Automotrices, pendientes de Brasil	66
CLARÍN.....	68
Mundo	68
Murió Hugo Chávez: El líder populista que marcó a la región, falleció a los 58 años	68
LA NACIÓN	70
Política	70
Bolivia aplica sanciones económicas a Paraguay y suspende exportación del gas	70
LARED21	71
Mundo	71
Murió el presidente de Venezuela Hugo Chávez; América Latina estremecida por la desaparición de líder bolivariano, tras su batalla épica por la vida	71
Maduro asumirá poder tras muerte de Chávez y se convoca a elección en plazo de 30 días .	73
EL OBSERVADOR.....	74
Mundo	74
Reacciones en el mundo tras la muerte de Chávez.....	74
CORREO DEL ORINOCO.....	76
Avances, Multipolaridad.....	76
UE destaca contribución de gobierno de Chávez a la integración suramericana.....	76
Nacionales, Impacto	77
Nicolás Maduro: El pueblo se encuentra en la calle en paz y tranquilidad	77
TELESUR	78
Latinoamérica	78
Unasur: Chavez fue el principal impulsor de la unidad latinoamericana	78

Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

www.correiobraziliense.com.br

Mundo

Parceiros estratégicos

PAULO DE TARSO LYRA e AMANDA ALMEIDA

O Brasil foi um parceiro fundamental para a Venezuela de Hugo Chávez e, ao mesmo tempo, aproveitou-se do discurso radical do comandante venezuelano, sobretudo contra os Estados Unidos, para firmar-se como a principal liderança continental. Apesar da boa relação que Chávez tinha com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso — a quem chamava de mi maestro —, foi ao longo do governo do PT que essa aliança se consolidou. Tanto que, em outubro de 2012, às vésperas da eleição de Chávez para o quarto mandato, Lula, já ex-presidente, gravou um vídeo de apoio ao colega socialista. "Chávez, conte comigo, conte com o PT, conte com a solidariedade e o apoio de cada militante de esquerda, de cada democrata e de cada latino-americano. Sua vitória será a nossa vitória."

No poder por 14 anos, o venezuelano ganhou espaço no noticiário como porta-voz do continente, aglutinou em um bloco alternativo países como Bolívia e Equador, e defendeu políticas claramente antibrasileiras, como a nacionalização de ativos da Petrobras pelo presidente boliviano, Evo Morales.

"Em troca dessa aproximação política e ideológica, o Brasil acabou, em vários momentos, abrindo mão de uma agenda comercial mais efetiva", observou Rafael Cortez, cientista político da Tendências Consultoria.

Chávez manteve um relacionamento estreito com os mandatários brasileiros. Desde 1999, fez 27 visitas ao país, a maioria (22) no governo Lula, período em que as relações econômicas fermentaram. Para encontrar-se com Dilma, foram duas visitas, enquanto a presidente brasileira foi ao país vizinho apenas uma vez. As trocas comerciais entre os dois países saltaram de US\$ 883,3 milhões em 2003 para US\$ 5,6 bilhões em 2012. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 3,8 bilhões a mais do que importou. Para o professor do curso de história da Universidade de Brasília (UnB) e doutor em relações internacionais Carlos Eduardo Vidigal, o superávit brasileiro pode explicar a "pacifícia da diplomacia do país" com Chávez.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Paciência porque o venezuelano provocou alguns momentos de mal-estar com o governo brasileiro. Em 2005, propôs que a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) buscasse um modelo econômico alternativo ao Mercosul. No ano seguinte, incentivou Morales a nacionalizar unidades de extração de gás da Petrobras na Bolívia. Ao longo do mandato, Chávez deixou para trás acordos na área petrolífera. Não cumpriu, por exemplo, sua parte na construção da Refinaria Abreu e Lima, no Porto de Suape, em Pernambuco. Já o Itamaraty, nos bastidores, se preocupou com a decisão de Chávez de comprar armamento russo.

A Embraer também foi proibida de vender aviões para o país sul-americano. Em 2006, Chávez acertara um contrato de US\$ 470 milhões com a empresa brasileira para a aquisição de 12 aviões AMX-T (última geração da família de caças Tucano), ao custo de US\$ 300 milhões, e de 24 aviões-patrulha Super Tucano, por US\$ 170 milhões. Emissários do governo de George W. Bush ameaçaram suspender o fornecimento de componentes para os aviões da Embraer, inclusive civis, caso a compra fosse efetivada.

Mas o Brasil teve papel preponderante na entrada da Venezuela no Mercosul. A permissão deu-se após o polêmico impeachment do presidente do Paraguai, Fernando Lugo. Como o Paraguai — que não aprovou a entrada da Venezuela — foi suspenso do bloco comercial, abriu-se espaço para a admissão dos venezuelanos.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/3/6/parceiros-estrategicos>

Revolução Bolivariana em xeque

RENATA TRANCES » GABRIELA FREIRE VALENTE » RODRIGO CRAVEIRO

Morte de Chávez interrompe um projeto político centrado no "socialismo do século 21". Para especialistas, Maduro terá o desafio de manter a união dos governistas a fim de garantir a sobrevivência da ideologia

Em seus planos, Hugo Chávez levaria 30 anos para concluir o projeto que sonhou para a Venezuela e para a América Latina. Sua morte interrompeu a jornada no meio do caminho e lançou incertezas sobre o futuro do chavismo e da Revolução Bolivariana, que em sua gênese se confunde com os ideais de seu próprio fundador. Já antevendo as preocupações com seu legado, Chávez começou a preparar o país e aliados para dar continuidade ao chamado "socialismo do século 21". O vice-presidente, Nicolás Maduro, foi nomeado não apenas seu herdeiro político, como o homem designado a conduzir o bolivarianismo para a era pós-Chávez. Na opinião de analistas, o ex-presidente tinha plena consciência disso. No entanto, o curso da história não se restringirá à

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

capacidade de liderança de Maduro e, sim, a amplas condições político-econômicas da Venezuela a partir de agora.

Nos 14 anos de Revolução Bolivariana, Chávez mudou a Constituição, o fuso horário, o brasão e até o nome do país, que passou a se chamar República Bolivariana da Venezuela. Na economia, deixou profundas marcas, como a nacionalização de setores e os projetos sociais patrocinados pela riqueza nacional, o petróleo. Ao “chavismo sem Chávez” caberá encontrar uma forma de sobreviver em meio a tantas incertezas. Na avaliação do coordenador do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Luiz Fernando Ayerbe, a revolução sempre esteve muito vinculada à liderança do coronel, desde suas eleições e a chegada ao poder, em 1998, e aos recursos econômicos da Venezuela.

Segundo Ayerbe, com a morte de Chávez, não se pode premeditar o fim da Revolução Bolivariana. Mas a questão que se coloca é se Maduro, apesar de compartilhar os mesmos ideais, terá a liderança e o cenário econômico que lhe permitam sustentar as políticas e as iniciativas do presidente morto. “A Revolução Bolivariana colocou em pauta a utilização dos recursos, a riqueza petroleira venezuelana em benefício da maioria da população, com políticas sociais que renderam a Chávez a grande popularidade que o acompanhou até sua morte”, disse.

Opinião semelhante manifestou o cientista político da Universidade Simón Bolívar Tony De Viveiros, que aponta o desafio da sucessão desenhada no país, nesse momento. “O chavismo, ao longo desses 14 anos, soube construir uma identidade própria, ao redor da figura de Chávez e de sua liderança carismática, que resvalava quase na fé religiosa, na qual se aceitavam delineamentos políticos, sem se importar se eram inverossímeis ou não”, opinou.

Para Viveiros, a necessidade de sobreviver politicamente fará com que os chavistas se mantenham coesos, pelo menos a curto prazo. À medida que o tempo passar, as diferenças entre as distintas facções se tornarão mais evidentes. De um lado, segundo o cientista político, estará o que chamou de “esquerda exógena”, composta por membros mais próximos a Havana. Do outro, as da “direita endógena”, na qual figuram os militares aposentados aliados dos golpistas de 4 de fevereiro de 1992. “Ambas as facções se proclamarão como as verdadeiras herdeiras do legado político de Chávez.”

Dificuldades

Como um complicador a mais, José Vicente Carrasquero, também professor da Universidad Simón Bolívar e da Universidad Católica Andrés Bello, considera que a morte do presidente ocorre em um momento em que seus projetos políticos, ligados ao socialismo do século 21, já começavam a

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

passar por dificuldade. "A qualidade de vida dos venezuelanos mostra sinais de deterioração. Sentem-se a falta da supervisão do presidente e sua gestão de governo. O motor principal de um projeto político deixa de existir e, agora, a tendência é que ele enfrente maiores dificuldades para seguir avançando", avaliou. O futuro do chavismo, na sua opinião, dependerá das lideranças venezuelanas superarem as divisões e começarem a reinstitucionalizar o país.

O projeto de Hugo Chávez não se restringiu às fronteiras venezuelanas. Inspirado em um sonho de integração latino-americana do líder Simón Bolívar, Chávez encabeçou uma política externa regional com uma perspectiva mais nacionalista. Principal reflexo dessa conduta, como explicou Ayerbe, foi a criação da Alternativa Bolivariana para a América Latina (Alba), extremamente crítica aos Estados Unidos. Em nome dessa política regional, países como Nicarágua, Cuba, Bolívia e Equador se beneficiaram amplamente da ajuda dos petrodólares venezuelanos. "Chávez imprimiu e reforçou essa visão de uma revolução que fortalecesse a América Latina e a ascensão das populações mais pobres. Isso foi uma característica sua", afirmou Ayerbe.

Três perguntas para Luiz Fernando Ayerbe

Como o ideal bolivariano será afetado na região?

Em termos de ideais, o bolivarianismo vai permanecer. Mas a projeção da Venezuela na América Latina é algo que já vinha se notando uma retração, mesmo com Hugo Chávez no poder. A liderança chavista foi perdendo força por conta de outros aspectos, como o papel do Brasil na região, por exemplo. Não será algo que começará a desaparecer, mas vai perder projeção.

E qual foi seu principal legado para a América Latina?

A questão mais importante está relacionada à Alba (Aliança Bolivariana para as Américas), que instituiu um modelo de integração baseado na solidariedade, na troca daquilo que cada país tem em termos de recursos. A Venezuela, o petróleo, Cuba, recursos humanos, entre outros. Esse aspecto da solidariedade como fator de integração econômica é muito importante.

Que associação poderia se fazer entre Simón Bolívar e Hugo Chávez?

A revolução, na percepção de Simón Bolívar, significava o estabelecimento de um projeto continental, o que se percebia também em outros líderes regionais, como Chávez. Mas o ex-presidente venezuelano fortaleceu, com sua liderança, além do ideário bolivariano, valores como o anti-imperialismo, a distribuição de riquezas e a preocupação com a união latino-americana.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/3/6/revolucao-bolivariana-em-xequ>

Tempo de mudanças

Ariadne Sakkis

Presidentes de nações parceiras e críticas do governo chavista manifestaram condolências ao povo venezuelano. Barack Obama demonstrou interesse em estreitar relações com o país latino-americano

A morte do presidente Venezuela, Hugo Chávez, provocou reações em todo o mundo. Nos Estados Unidos, a notícia foi recebida como “um novo capítulo na história” e uma chance de mudança nas relações entre os países. “Nesse momento desafiador, com a morte do presidente Hugo Chávez, os Estados Unidos reafirmam o apoio ao povo venezuelano e seu interesse em desenvolver um relacionamento construtivo com o governo venezuelano”, disse o presidente Barack Obama. No entanto, ele reiterou que os EUA estão comprometidos com políticas promotoras da democracia e de respeito aos direitos humanos.

O deputado republicano Mike Rogers, presidente da Comissão de Inteligência do Congresso americano, foi mais enfático quanto às críticas ao líder socialista. “Hugo Chávez foi uma força desestabilizante na América Latina e um obstáculo na região. Espero que essa morte seja uma oportunidade para um novo capítulo nas relações entre os Estados Unidos e a Venezuela”, declarou. Em um comunicado oficial, o ministro britânico de Relações Exteriores, William Hague, disse que Chávez deixou uma “marca profunda” em seu povo.

O governo de Cuba decretou três dias de luto pela morte do presidente venezuelano, principal aliado político e sócio comercial de Havana nos últimos 14 anos. “O povo cubano o tinha como um dos seus mais destacados filhos e o admirava. Chávez era também cubano! Sentia em sua carne as nossas dificuldades e problemas e fez tudo o quanto pôde, com extraordinária generosidade”, destacou um comunicado do Conselho de Estado, máximo órgão executivo da Ilha. Nos próximos dois dias, os prédios públicos estarão com a bandeira a meio mastro, e todos os espetáculos estão suspensos até sexta-feira.

Na América Latina, onde o socialista acumulou aliados amigos, a notícia provocou mudanças na agenda internacional de muitos líderes nacionais, que devem acompanhar pessoalmente o funeral. A presidente argentina Cristina Kirchner, fiel aliada de Chávez no continente, cancelou todos os compromissos oficiais para viajar a Caracas.

Panos pretos

Evo Morales, presidente da Bolívia, viajou ontem mesmo para a capital venezuelana. Os chefes de Estado mantinham relacionamento estreito. A ministra de Comunicação do país, Amanda Dávila, informou que a Bolívia decretará luto oficial, mas não divulgou a duração da homenagem. Bolivianos também demonstraram pesar nas ruas da capital, La Paz, colocando panos pretos nas janelas dos prédios. O chefe do governo do Uruguai, José Mujica, que também acumula a presidência do Mercosul, segue hoje para a Venezuela.

As redes sociais serviram de meio para a manifestação de dirigentes e políticos. Henrique Capriles, político venezuelano de oposição e ex-candidato à Presidência nas eleições de outubro de 2012, pediu paz e unidade pelo Twitter. O microblog também foi usado pelo presidente mexicano Enrique Peña Neto. "Lamento o falecimento do presidente Hugo Chávez. Minhas mais sentidas condolências a sua família e ao povo venezuelano", escreveu.

O governo da Colômbia expressou profunda tristeza pelo falecimento do presidente Hugo Chávez. O presidente Juan Manuel Santos enviou sentimento de pesar à mulher e às filhas do presidente venezuelano. Sebastián Piñera, presidente do Chile, ofereceu as condolências à família e ao país do presidente Hugo Chavez, a quem chamou de "líder profundamente comprometido com a integração da América Latina".

A morte de Chávez também motivou declarações de diretores de organizações internacionais. Ban Ki-Moon, secretário-geral da Organização das Nações Unidas, disse, em breve aparição pública, que enviava "as mais profundas condolências à família, ao povo e ao governo da Venezuela pela perda do presidente Chávez".

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Luis Alberto Moreno, expressou sentimentos ao governo e ao povo venezuelano. Recordou a profunda preocupação do líder com os pobres. "A integração regional perde um de seus grandes impulsores", disse. A Organização dos Estados Americanos (OEA) divulgou uma nota de pesar.

Artistas

O cineasta americano Oliver Stone e o ator Sean Penn homenagearam o presidente venezuelano. "Estou de luto pela morte de um grande herói para a maioria do seu povo e para aqueles que lutam a fim de encontrar o seu lugar no mundo", declarou Stone, diretor de filmes consagrados como JFK e Assassinos por Natureza. "Odiado pelas classes abastadas, Hugo Chávez viverá para sempre na história", completou o cineasta que em 2009 dirigiu o documentário *South of the*

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Border, no qual descreve o papel do ex-presidente venezuelano nas mudanças observadas na América Latina.

Já Sean Penn afirmou que “os pobres do mundo perderam seu campeão” e que os Estados Unidos perderam “uma amigo que nem sabiam que tinham”.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/3/6/tempo-de-mudancas>

FOLHA DE S. PAULO

www.folha.com.br

Mundo

Chávez se via como figura de transição na história do país

JULIA SWEIG, COLUNISTA DA FOLHA

Hugo Chávez comentou certa vez que se via como figura de transição na história venezuelana. O mesmo pode ser dito em relação a seu impacto na América Latina.

Generalizando bastante, os 14 anos de seu governo cobrem o mesmo período em que a região adotou um ethos econômico de crescimento com inclusão social, um consenso político em favor da prática democrática e, na política externa, uma postura de independência em relação às prioridades de segurança nacional dos Estados Unidos.

Chávez aderiu radicalmente a cada um desses elementos da nova América Latina. Seu gosto pelo teatral, pela retórica inflamada, com certeza destoava da preferência regional pela procura de soluções mais pragmáticas. Os historiadores que se debruçarem sobre o período dentro de algumas décadas vão dispor de ferramentas mais amplas para avaliar mais profundamente o legado de Chávez.

Por ora, um olhar rápido sobre seus sonhos não realizados e sobre as conquistas que ele de fato alcançou apontam para um legado que também poderia ser descrito como transicional.

No campo dos sonhos não concretizados, e essa lista não é abrangente, a maioria teria exigido muito dinheiro e participação de muitos outros países da região. Podemos incluir nessa categoria o Oleoduto do Sul, que teria 8.000 km de extensão, custaria US\$ 25 bilhões e levaria óleo do Orinoco à Patagônia.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O Brasil fez objeções. Mesmo uma ideia um pouco mais modesta --um oleoduto até Cuba-- nunca decolou.

O Banco Sul-Americano de Desenvolvimento teve destino similar --inaugurado em 2009, desta vez com o apoio nominal do Brasil, no final nenhum país, nem a própria Venezuela, investiu capital para lançar a empreitada.

As realizações: Chávez merece crédito pelo menos parcial por ter ajudado a redefinir a arquitetura institucional da América do Sul. O Mercosul é uma organização diferente do que era antes de a Venezuela tornar-se membro pleno. O tempo dirá se a estratégia do Brasil nessa frente foi um toque de sabedoria política real ou se foi movida por pura ideologia (creio na primeira alternativa).

Contrariando a visão de alguns observadores, Chávez tampouco implodiu a Unasul, instituição que já pode ser vista como ao menos parcialmente responsável por ter evitado conflitos --pense em Bolívia, Equador, Colômbia.

Com relação à América do Sul, apesar das exibições bombásticas nas cúpulas, Chávez sofria pressões para jogar segundo as regras em evolução da região, e não o contrário.

A Alba --união de nove países "quase-mais-ou-menos" bolivarianos, como a Venezuela-- é evidentemente a grande vitória de Chávez, uma que poderá conferir a presidentes venezuelanos futuros uma influência constante nas Américas, especialmente no Caribe.

Ainda não dispomos de dados públicos confiáveis, mas é seguro afirmar que Caracas gastou bilhões com projetos de desenvolvimento na Alba, especialmente projetos relacionados ao petróleo.

A Petrocaribe concedeu aos membros da Alba, além de cinco outros países participantes da América Central e do Caribe, preços preferenciais nas importações de óleo venezuelano, pagáveis em 25 anos com juros de 1%.

As transferências dos fundos da Venezuela de assistência à Alba complementaram os Orçamentos de governos centrais, gerando benefícios diretos que foram sentidos para além do patronato político, sob a forma de novas rodovias, saúde e grades energéticas.

Alguns benefícios escolhidos a esmo: a Telesur, o cancelamento da dívida do Haiti, o financiamento de muitos milhares de cirurgias oculares em países da Alba, realizadas por médicos cubanos.

Dois países na América Latina se destacam: Cuba e Colômbia. Independentemente de como avaliamos o modo como o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe conduziu a contrainsurgência contra as Farc, Chávez não a facilitou.

Os dois líderes optaram pela polarização e a crise como seu "modus operandi". Mas o atual presidente colombiano, Juan Manuel Santos, vem mostrando como usar a interdependência geográfica e comercial da Colômbia com a Venezuela para beneficiar a Colômbia.

E, ao convocar Cuba para exortar Chávez a empurrar as Farc para a mesa de negociações, Santos demonstrou possuir um entendimento agudo do equilíbrio de poder no relacionamento entre Havana e Caracas.

LIGAÇÃO COM CUBA

Especialmente desde 2004, quando Chávez venceu o primeiro referendo pós-golpe, o incentivo econômico dado por Caracas a Havana exerceu impacto enorme em Cuba: bilhões vindos do petróleo em subsídios, transferências de recursos e investimentos diretos em energia, infraestrutura, etc.

Dezenas de milhares de assessores cubanos --nas áreas de saúde, esportes e segurança--, pelos quais Havana foi paga em dinheiro e créditos, foram essenciais para ajudar Chávez a erguer e reforçar sua base política e institucional.

E Chávez tomou de Fidel a tocha anti-imperialista em nível internacional, demonstrando prazer em espicaçar Washington.

Quando Fidel adoeceu, em 2006, as primeiras fotos dele foram com Chávez a seu lado no hospital. Mas seria um equívoco concluir que Hugo Chávez tenha tido alavancagem política ou econômica sobre Cuba.

A verdade é inversa. Vejo o relacionamento Cuba-Venezuela em três períodos distintos. O primeiro é anterior ao período de Chávez e data da fuga pós-1959 de oficiais militares cubanos da era de Fulgêncio Batista para Caracas, onde trabalharam para a CIA e com colegas venezuelanos como retaguarda durante a Baía dos Porcos e a Operação Mangusto.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A segunda fase teve início em 1992, quando o coronel Chávez fracassou em sua tentativa de golpe militar, mas, jurando retornar um dia, embarcou para Havana, onde ele e Fidel iniciaram seu relacionamento estratégico.

A fase três ganhou definição em 2002, com a tentativa de golpe contra o próprio Chávez, e se consolidou após 2004, quando Havana exerceu um papel muito significativo, não apenas por enviar seus profissionais para trabalhar nas "misiones", mas também ao encorajar e ajudar Chávez a institucionalizar e consolidar seu poder.

Enquanto o benefício econômico para Cuba ainda é enorme, não se deve subestimar a influência de Havana sobre Caracas sob Chávez.

E a fase quatro? Os sucessores de Chávez --em seu próprio partido, ou não, se de algum modo Henrique Capriles vencer uma nova eleição presidencial no curto prazo-- não vão desfazer rapidamente as camadas de aproximação bilateral e regional. Os pobres venezuelanos, cuja adesão a oposição agora comprehende que precisa conquistar, auferem benefícios diretos das "misiones", algo que não seria possível sem Cuba.

A Alba e a Petrocaribe vão se dissolver após Chávez? A resposta a essa pergunta é "não imediatamente", o que, para Cuba, novamente significa que será possível prever a manutenção do status quo, mesmo que modificado, no curto a médio prazo.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzQzLUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

Análise: Vendida como o martírio do líder, agonia final dará força a Maduro

CLÓVIS ROSSI, COLUNISTA DA FOLHA

Hugo Chávez organizou a política venezuelana até para além de sua morte.

Parece inevitável concluir que, ao partir para Cuba para o que seria sua última cirurgia, o presidente já sabia da gravidade de sua situação e preparou cuidadosamente a sua sucessão.

Primeiro, ele designou Nicolás Maduro como o seu sucessor, antecipando-se a uma mais que provável guerra interna no chavismo.

Está dando certo: no papel de presidente interino e abençoado por Chávez, Maduro se tornou nos últimos dois meses a face do chavismo para o público venezuelano. Isso claramente lhe dá imensa vantagem para a eleição, que agora é inevitável.

Vantagem que só se acentuará pelo martírio do líder, como o regime vendeu a seus fiéis a agonia de Chávez.

Some-se às manobras do governo a impotência da oposição e torna-se mais que lógico apostar em que o chavismo terá uma sobrevida mesmo com Chávez morto.

Há analistas que acreditam que a sobrevida não será apenas de curto ou médio prazo. Joaquín Villalobos, que foi guerrilheiro em El Salvador e depois tornou-se consultor de segurança e um agudo analista político, escreveu faz pouco para o jornal espanhol "El País":

"A força do chavismo não está na eficácia para governar, mas no fato de que o regime mudou a orientação dos benefícios da renda do petróleo na Venezuela. Antes, esta se distribuía mais para cima do que para baixo. Chávez abriu espaços de inclusão social para os mais pobres, gerou opções de enriquecimento para novas elites e propiciou a esses setores identidade política e poder. Isso mudou a Venezuela para sempre".

Para sempre é uma aposta arriscada, mas, para o próximo período presidencial, dá, sim, para acreditar que o chavismo se manterá vivo.

Mas, além dele, vai depender da eficácia para governar que Hugo Chávez não precisou mostrar, porque seu carisma e os espaços de inclusão social que abriu compensaram, com folga, os problemas que criou.

Entre eles, estão a inflação mais alta de toda a América Latina e um índice de criminalidade insuportável.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzQ3LUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

Vice tem desafio de manter chavismo unido DE SÃO PAULO

Nos últimos 86 dias, quando Hugo Chávez teve seus últimos momentos de convalescência longe das câmeras, o vice-presidente Nicolás Maduro teve a primeira prova de fogo como herdeiro político do popular esquerdistas.

Com os microfones, e sem o carisma do mentor, esforçou-se em repetir, como ontem, uma palavra: unidade.

O ex-motorista de ônibus de 1,90 m sem diploma universitário, mas com formação política em Cuba, tem como desafio manter unidas as diferentes alas do chavismo --militares, sindicais e movimentos sociais--, algo que muitos julgam que só Chávez era capaz de fazer.

Não por acaso, nesses quase três meses de governo de fato na Venezuela, o vice alternou aparições na TV típicas de campanha com uma espécie de liderança colegiada ao lado de outros nomes importantes do chavismo.

Entre eles está Diosdado Cabello, militar reformado presidente da Assembleia, que é influente nos quartéis e nos negócios variados ligados ao governo. Também figura Rafael Ramírez, presidente da estatal petroleira PDVSA, que é o coração e caixa do projeto chavista.

Analistas avaliam, porém, que as divisões no chavismo são mais prováveis apenas no médio prazo. Antes, por pragmatismo político e pela comoção causada pela morte do esquerdistas, as alas devem se unir em torno do objetivo de eleger Maduro presidente.

Ontem à noite, o chanceler Eliás Jaua afirmou que Maduro assume interinamente como presidente e novas eleições serão convocadas em até 30 dias, de acordo com o que reza a Constituição.

Para o teste das urnas, Maduro promete usar um atributo referido por Chávez: ter "coração de um homem do povo". Para muitos, o sucessor civil do "comandante" é a própria representação do cidadão venezuelano: simples, fraterno e simpático.

O perfil popular ajudaria a manter o maior capital político do chavismo: o apoio maciço da classes D e E --o que, para analistas, é mais importante do que a habilidade de controlar o partido, o PSUV, ou os militares.

Mas Maduro tem mais do que isso. Ele e sua mulher, a hoje procuradora-geral, Cilia Flores, são um dos casais mais influentes entre os "civis" do chavismo. Conheciam Chávez desde que a advogada Flores o defendeu quando ele foi preso após a tentativa de golpe em 1992.

Além disso, tem o trânsito internacional adquirido nos mais de seis anos à frente de uma das chancelarias mais influentes da região.

Entre diplomatas de outros países, o seguidor do budismo é tido como um bom chanceler, de perfil discreto, que sabe ouvir e negocia ao final dos encontros os pontos mais sensíveis para seu governo. Goza da confiança dos irmãos Castro, em Cuba, e é bem-visto pelo governo brasileiro.

Apesar das divisões na oposição, o chavista deve disputar a Presidência contra o governador de Miranda, Henrique Capriles Radonski, 40, que perdeu para Chávez em outubro com importantes 44,3% dos votos dos venezuelanos. "Minha solidariedade a toda a família e seguidores do presidente Hugo. Pedimos pela unidade dos venezuelanos neste momento", declarou Capriles ontem.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzQ4LUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

Governo brasileiro apostava na eleição de Maduro para suceder Chávez NATUZA NERY, ENVIADA ESPECIAL A EL CALAFATE

Apesar de a morte de Hugo Chávez gerar dúvidas sobre o destino político da Venezuela, o governo brasileiro apostava na eleição do vice, Nicolás Maduro, para sucedê-lo.

A avaliação foi feita pela equipe da presidente Dilma Rousseff tão logo o Palácio do Planalto foi comunicado da morte do líder de esquerda.

Para interlocutores presidenciais, uma esperada comoção nacional tende a fortalecer a campanha de Maduro à presidência, o que diluiria a força do oposicionista Henrique Capriles ao cargo, derrotado nas eleições gerais do ano passado.

Um alto assessor do governo brasileiro comparou o momento atual à morte do líder argentino Néstor Kirchner, em 2010. Àquela altura, a viúva Cristina Kirchner aprofundou sua imagem de herdeira política do marido, o que culminou com sua vitória ao comando da Casa Rosada no ano seguinte.

Em pronunciamento antes da cirurgia em dezembro do ano passado, Chávez pediu que os venezuelanos votassem em Maduro, caso ele não pudesse assumir a presidência.

Sem diploma universitário, Maduro dirigia os ônibus da frota pertencente ao metrô de Caracas nos anos 90, e foi líder sindical da categoria. Ministro das Relações Exteriores desde 2006, ele sempre foi um embaixador das ideias chavistas, incluindo críticas radicais ao cenário internacional a partir da ótica de Chávez.

Com a morte do líder venezuelano e o fato de ele não ter tomado posse, de acordo com a Constituição, o presidente da Assembleia Nacional, o chavista Diosdado Cabello deve assumir a presidência e convocar novas eleições em 30 dias.

Entretanto, uma vez que o Tribunal Supremo de Justiça avaliou que, ainda que sem posse, já há um novo mandato em vigor, poderia haver uma manobra política para que Maduro assuma e convoque novas eleições.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzcxLUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

O ESTADO DE SÃO PAULO

<http://www.estadao.com.br>

Radar Global

Morre o presidente venezuelano Hugo Chávez

Morreu nesta terça-feira, 5, aos 58 anos, o presidente venezuelano Hugo Chávez. Ele estava internado em um hospital militar de Caracas após passar dois meses em Cuba tratando um câncer. A cerimônia do funeral do presidente será realizada na manhã de sexta-feira, dia 8.

O vice-presidente, Nicolás Maduro, anunciou que o líder bolivariano morreu 16h25 (horário de Caracas). Mais cedo, durante discurso feito após uma reunião com ministros, governadores e o alto comando militar no Palácio de Miraflores, Maduro afirmou que Chávez enfrentava o "momento mais difícil da luta contra o câncer".

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Presente na vida política da Venezuela há pelo menos 20 anos, o tenente-coronel da reserva Hugo Rafael Chávez Frias atraiu ódio e amor da população na mesma medida. Seus partidários o viam como o líder que tirou milhões da miséria e reduziu a pobreza de 42% para 9,5%. Os detratores o descreviam como um caudilho populista que vergou ao limite as regras da democracia, eliminando a independência entre os poderes, manobrando programas sociais em troca de votos e perseguindo a imprensa.

Vida política

Chávez apareceu pela primeira vez no cenário político venezuelano ao tentar derrubar o então presidente Carlos Andrés Pérez em um golpe de Estado frustrado, em 1992. O militar foi preso e cumpriu pena por 2 anos. Em 1998, decidiu aderir ao processo democrático. Organizou uma campanha centrada no contato próximo da população mais pobre e foi eleito com 56% dos votos.

Após assumir o poder, propôs alterar a Constituição em um referendo, do qual saiu vitorioso. Ganhou nova eleição em 2000, com quase 60% dos votos. Em 2002, sofreu uma tentativa de golpe, mas ficou apenas dois dias fora do poder. Dois anos mais tarde, venceria um referendo sobre sua saída da presidência.

Com sua reeleição em 2006 e a disparada do preço do petróleo no mercado internacional, aprofundou seu projeto de poder, batizado de socialismo do século 21. Nacionalizou empresas e ampliou os gastos sociais. Na época, a oposição decidiu boicotar as eleições parlamentares, dando controle total do Legislativo aos chavistas.

Em 2007, consultou os venezuelanos sobre o fim da limitação para a reeleição e sofreu sua única derrota eleitoral, revertida depois num referendo.

Em outubro de 2012, foi eleito para um quarto mandato que o credenciava a permanecer por 20 anos seguidos na presidência da Venezuela. Com 55% dos votos, o líder bolivariano havia prometido, durante a comemoração da vitória, ser "um presidente melhor do que tem sido". Logo após a vitória, Chávez nomeou o então chanceler Nicolás Maduro como seu vice-presidente.

O câncer

O maior abalo de Chávez ocorreu em 2011, quando descobriu que sofria de um câncer pélvico. Os detalhes da doença e do tratamento nunca foram divulgados.

Chávez passou por quatro cirurgias em um ano e meio, a última ocorreu em dezembro de 2012. O presidente chegou a dizer, em 2011, que estava livre do câncer após ser tratado, mas em

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

dezembro de 2012 anunciou que "células malignas" haviam retornado e ele precisaria de mais uma intervenção cirúrgica.

O líder bolivariano foi a Havana novamente para realizar uma nova cirurgia e retornou para Caracas apenas em fevereiro deste ano. Em dois meses, apenas uma foto do presidente foi divulgada. Com isso, a oposição pressionou o governo diversas vezes para que anunciassem a ausência do presidente e convocassem novas eleições, o que não ocorreu.

Em 18 de fevereiro, Chávez retornou a Caracas de surpresa e ficou internado em um hospital militar para continuar o tratamento do câncer.

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/radar-global/morre-o-presidente-venezuelano-hugo-chavez/>

Internacional

'Perdemos um amigo do Brasil', diz Dilma

Presidente lamenta morte do venezuelano, que 'deixa um vazio na América Latina'

RAFAEL MORAES MOURA, LISANDRA PARAGUASSU, TÂNIA MONTEIRO, BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

A presidente Dilma Rousseff confirmou ontem à noite que vai ao enterro do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, previsto para sexta-feira. Dilma cancelou a viagem que faria na quinta-feira a Argentina para se encontrar com a presidente Cristina Kirchner.

"Se o enterro for agora, vou. Eu irei ao enterro", disse a presidente ao Estado, antes de saber da data do enterro e ao sair do 11.º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, onde, em seu discurso, homenageou o presidente morto. Hoje presidente Dilma tem uma grande reunião com governadores e prefeitos.

Dilma ficou sabendo da morte de Chávez por meio do pronunciamento do vice-presidente venezuelano, Nicolás Maduro, na televisão. A presidente estava em seu gabinete quando foi informada pelo secretário especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia, do pronunciamento de Maduro.

Logo após assistir à fala de Maduro, a presidente saiu para o congresso da Contag, onde aproveitou seu discurso para pedir um minuto de silêncio e homenagear Chávez.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Hoje, lamentavelmente, infelizmente, e com tristeza, eu digo pra vocês que morreu um grande latino-americano, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez", disse.

Ela acrescentou que o venezuelano foi uma liderança comprometida com seu país e com o desenvolvimento dos povos da América Latina.

"Em muitas ocasiões o governo brasileiro não concordou integralmente com o presidente Hugo Chávez. Mas, hoje, como sempre, reconhecemos nele uma grande liderança, uma perda irreparável e sobretudo um amigo do Brasil", disse Dilma.

"O presidente Hugo Chávez vai deixar na história e nas lutas da América Latina um vazio. Lamento como presidente da República e como uma pessoa que tinha por ele um grande carinho. Além de liderança expressiva, o presidente Chávez foi um homem generoso, generoso com todos aqueles que nesse continente precisaram dele", afirmou a presidente, emocionada.

Comunicado. A presidente Dilma divulgou uma nota ontem à noite manifestando pesar pela morte de Chávez: "As transformações econômicas, sociais e políticas que Chávez conduziu, nos últimos 14 anos, na Venezuela, fizeram desse grande líder a mais importante referência da história daquele país e o projetaram em toda a América Latina e Caribe. Hugo Chávez contribuiu para o fortalecimento do nosso continente, sendo responsável pela constituição da Unasul e da Celac. O governo e o povo brasileiros perdem um grande amigo, cuja coragem, generosidade e calor humano irmanaram Venezuela e Brasil como nunca antes em nossas histórias. Hugo Chávez viverá na memória de venezuelanos, brasileiros e latino-americanos e será uma eterna referência para toda a América Latina."

Ontem à noite, o chanceler brasileiro, Antonio Patriota, tentava falar com Elías Jaua, para dar-lhe os pêsames e também obter confirmações sobre o dia do enterro e o horário.

No Itamaraty, durante a tarde já se esperava algum tipo de desfecho para a situação do presidente venezuelano pelas movimentações da alta cúpula do governo em Caracas, como a reunião convocada às pressas no Palácio Miraflores e a expulsão de diplomatas americanos.

Diplomatas brasileiros monitoravam a Telesur, televisão estatal da Venezuela, quando começou o pronunciamento de Maduro. Logo em seguida, o embaixador brasileiro em Caracas, José Antônio Marcondes de Carvalho, telefonou para Patriota e o chanceler também telefonou para o embaixador venezuelano em Brasília, Maximilien Sánchez de Arvelaiz, que estava no Brasil.

Patriota divulgou uma nota de pêsames aos parentes de Chávez e ao povo venezuelano na qual exalta a aproximação "sem precedentes" com o Brasil liderada pelo presidente venezuelano.

"O Presidente Chávez será lembrado como o líder venezuelano que maiores vínculos teve com o Brasil e maior contribuição deu aos esforços de integração regional", disse o chanceler brasileiro em nota.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,perdemos-um-amigo-do-brasil-diz-dilma--1004843,0.htm>

Equador busca acordo para reforma da CIDH

LISANDRA PARAGUASSU , BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

Disposto a conquistar votos para uma versão mais radical de reforma da Comissão de Interamericana Direitos Humanos (CIDH), o chanceler equatoriano, Ricardo Patiño, deixou ontem Brasília sem nenhuma promessa de que o Brasil vai encampar mudanças que possam enfraquecer o organismo. Em uma longa conversa com seu colega brasileiro, Antonio Patriota, ele ouviu que Brasília apoia algumas mudanças, mas diverge daquelas tirem poder da comissão.

Como mostrou o Estado no sábado, o Brasil aceitou as reformas depois de uma série de reuniões e quer evitar o enfraquecimento da CIDH, objetivo de Equador e Venezuela. Na sexta-feira, em Guayaquil, no Equador, os países signatários do Pacto de San José - a Convenção Interamericana de Direitos Humanos - tentarão fechar propostas para levar à Assembleia-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), dia 22, em Washington. No encontro, o Brasil deverá fazer o papel de bombeiro, tentando controlar os mais exaltados.

Uma das propostas defendidas pelo Brasil é uma nova regra para o financiamento da CIDH. Hoje, a comissão vive de doações feitas diretamente para as relatorias, segundo o interesse do país doador. Isso faz com que alguns temas, como liberdade de expressão, tenham mais recursos e mais atenção.

Apesar de não ser diretamente afetado pelas críticas nessa área, o Brasil gostaria de ver um tratamento mais equânime entre os diversos temas que a comissão deve abordar.

O Brasil não quer ver aprovada uma medida que tire o poder da comissão de emitir medidas cautelares, passando esse direito para a Corte Interamericana de Direitos Humanos. As medidas cautelares são o único instrumento que a CIDH tem para forçar os países a adotar suas recomendações. Outro ponto que divide os países da região, que será discutido em Guayaquil, é a

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

proposta que determina que apenas terão direito a voto e a indicar membros da CIDH os países signatários do Pacto de San José. A proposta tem como objetivo atingir, especificamente, Canadá e Estados Unidos - apesar de afetar também alguns países caribenhos, que nunca ratificaram o pacto.

É a chamada "universalidade". O Brasil ainda não declarou posição sobre essa proposta, também encampada por Equador e Venezuela, que gostariam de ver uma influência menor de americanos e canadenses na comissão. Apesar de concordar, em tese, com a ideia, o País ainda avalia se essa é ou não uma proposta pela qual vale à pena brigar.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,equador-busca-acordo-para-reforma-da-cidh-1004997,0.htm>

Após anunciar morte do líder, Maduro recebe apoio da cúpula do Exército

Após 2 anos da luta de Chávez contra o câncer, 4 cirurgias e uma volta inesperada a Caracas, venezuelanos vivem o fim de uma era

CARACAS - O Estado de S.Paulo

Morreu ontem aos 58 anos Hugo Rafael Chávez Frías, o homem que - de militar golpista a presidente bolivariano de quatro mandatos - transformou nas últimas décadas a Venezuela e, indiretamente, toda a América Latina. "Recebemos a informação mais dura e trágica que podemos transmitir ao nosso povo. Às 16h45 (18h15 em Brasília) do dia 5 de março faleceu nosso comandante Chávez", anunciou em cadeia nacional seu herdeiro político e vice-presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. "Este é um momento de grande dor."

A era Chávez chega ao fim após quase dois anos de luta do presidente contra um câncer na região pélvica. O ideólogo do que chamava de "Socialismo do Século 21" foi submetido a quatro cirurgias em Cuba - a última, em dezembro -, além de sucessivas sessões de químio e radioterapia, até inesperadamente retornar a Caracas, no mês passado. A última aparição pública de Chávez tinha sido quase três meses atrás e, no dia 22, o governo venezuelano divulgou uma foto em que ele aparecia deitado sorridente, ao lado de suas filhas, segurando a edição do Granma daquele dia.

A Venezuela decretou sete dias de luto e anunciou que o enterro ocorrerá na sexta-feira, às 10 horas de Caracas. O local onde ficará a sepultura de Chávez, porém, não foi revelado. A presidente Dilma Rousseff, além de vários líderes latino-americanos, disseram ontem que participarão da

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

cerimônia. "Essa morte deve encher de tristeza todos os latino-americanos", afirmou Dilma, descrevendo Chávez como "um amigo do Brasil" (mais informações nesta página).

Maduro anunciou a morte do presidente ao lado de integrantes da cúpula do governo e parentes de Chávez. Falando pausadamente, sem esconder a emoção, reforçou que a hierarquia no governo chavista seguirá intacta. "Chávez batalhou pelo amor do povo, com a bênção dos povos e a lealdade mais absoluta de seus companheiros", afirmou.

Pouco após o anúncio da morte do presidente, o ministro da Defesa da Venezuela, Diego Molero, apareceu ao vivo nas emissoras de TV e rádios estatais para dar garantias do "total respaldo" das Forças Armadas ao vice-presidente e ao líder da Assembleia Nacional, o também chavista Diosdado Cabello. "Vamos cumprir a Constituição para o bem da república", disse Molero.

O chanceler Elías Jaua anunciou que Maduro - apontado por Chávez como seu sucessor - assumirá a presidência interinamente e eleições serão convocadas em 30 dias.

Maduro avisou que militares e forças da polícia nacional receberam ordens de sair às ruas para garantir a segurança. "Está prevista uma presença especial de todas as Forças Armadas e da polícia, que neste momento estão se deslocando para acompanhar e proteger o nosso povo."

Ontem pela manhã, tanques cercaram o Palácio Miraflores, onde, à tarde, o comando militar e político do governo se reuniu. Ao final do encontro, cerca de duas horas antes de comunicar a morte do chefe de Estado, Maduro anunciou em entrevista coletiva que Chávez vivia "suas horas mais difíceis" e "inimigos históricos" do líder bolivariano o haviam infectado com câncer.

"Nós não temos nenhuma dúvida de que chegará um momento na história em que se poderá formar uma comissão científica que revelará que Chávez foi atacado com essa doença", disse, comparando o caso de Chávez ao do histórico líder palestino Yasser Arafat, que - segundo Ramallah - teria sido envenenado por Israel. O próprio líder bolivariano havia sugerido que os EUA estavam "infectando" presidentes sul-americanos com câncer, incluindo os brasileiros Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma.

No mesmo pronunciamento, Maduro anunciou a expulsão do adido militar dos EUA. Segundo o vice-presidente, o americano David Delmonico procurara oficiais venezuelanos com o objetivo de "implementar projetos desestabilizadores" e, por isso, deveria abandonar definitivamente o país em até 24 horas. O número 2 da aditânciia militar americana em Caracas, Deblin Costal, também foi expulso. / AP e EFE

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,apos-anunciar-morte-do-lider-maduro-recebe-apoio-da-cupula-do-exercito-,1004872,0.htm>

Política

Itamaraty divulga nota de pêsames pela morte de Chávez

LISANDRA PARAGUASSU - Agência Estado

O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, divulgou nesta terça uma nota de pêsames ao povo venezuelano e aos familiares pela morte de Hugo Chávez. No texto, o ministro afirma que o presidente venezuelano liderou um processo de aproximação com o Brasil "sem precedente histórico".

"O Presidente Chávez será lembrado como o líder venezuelano que maiores vínculos teve com o Brasil e que maior contribuição deu aos esforços de integração regional. Sob sua presidência, a Venezuela tornou-se parceiro estratégico do Brasil e sócio pleno do Mercosul."

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,itamaraty-divulga-nota-de-pesames-pela-morte-de-chavez,1004784,0.htm>

Economia

Venda de carro é recorde no bimestre

Apesar da significativa queda registrada em fevereiro, no acumulado do ano alta é de 5,6% nas vendas e de 4% a 5% na produção

CLEIDE SILVA, GUSTAVO PORTO - O Estado de S.Paulo

Fevereiro foi um dos meses mais fracos para a indústria automobilística nos últimos anos, mas, ancorado nos resultados de janeiro, o setor encerra o bimestre com crescimento de 5,6% nas vendas de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, com 546,5 mil unidades, o melhor resultado da história para o período. Já a produção deve crescer 4% a 5%, segundo projeções de analistas.

Só o segmento de automóveis e comerciais leves, beneficiado pelo corte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), acumula alta de 6,3% nos dois primeiros meses do ano, com 519,3 mil unidades vendidas.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O baixo desempenho de fevereiro, contudo, já levou o presidente da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrade), Alarico Assumpção, a temer por um ano mais fraco do que o previsto.

Um dos sinais é o alto estoque de automóveis e comerciais leves nas revendas, suficientes para 35 dias de vendas, quando o ideal, segundo Assumpção, seria de 20 a 21 dias. Essa paridade de dias, contudo, não é registrada pelo setor para um mês de fevereiro desde 2009.

Para a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), o nível de estoque não é preocupante. Em novembro, fábricas e revendas contabilizaram estoques para 33 dias de vendas, nível que caiu para 25 e 29 dias nos dois meses seguintes. A entidade divulga hoje seu balanço do bimestre, com dados de produção, exportações, estoques e empregos.

Assumpção também considera que "o mercado está voltando ao patamar médio da crise que ocorreu em 2008 e 2009", e projeta para o ano "crescimento modesto" de 2,6% para as vendas de automóveis e comerciais leves. No ano passado, esse segmento - responsável por cerca de 95% dos negócios totais do setor - cresceu 6,1%.

Em fevereiro, com 222,5 mil unidades, as vendas de automóveis e comerciais leves caíram 25% em relação a janeiro e 5,6% ante igual mês de 2012. Com caminhões e ônibus, a soma foi de 235,1 mil unidades, com quedas respectivas de 24,5% e 5,7%.

Choradeira. O economista-chefe da LCA Consultores, Bráulio Borges, diz que a queda era esperada após a "ressaca" do fim do corte integral do IPI. "Não dá para esperar que o ritmo dos meses anteriores fosse mantido."

Para ele, é normal que, após o fim de medidas de incentivo, ocorra um desaquecimento por dois a três meses, "o que não quer dizer que o setor vai entrar em crise". Borges diz ainda que "o setor pode usar esses dados para iniciar um novo período de choradeira" junto ao governo.

Segundo a própria Fenabrade, a explicação para o retrocesso na passagem de janeiro para fevereiro está na política de impostos e no calendário. O primeiro mês do ano teve 22 dias úteis, enquanto o seguinte, tradicionalmente menor, foi encurtado ainda mais pelo carnaval e teve 17 dias úteis.

"Além disso, foi o primeiro mês que estoques de concessionárias não tinham veículos com o IPI reduzido", diz Assumpção. A partir de janeiro, o IPI para carros voltou a subir gradualmente. De maio e dezembro, o imposto foi reduzido a zero para modelos 1.0 e caiu à metade para os 2.0.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Em janeiro, os carros 1.0, por exemplo, passaram a recolher 2% de IPI. Em abril, a alíquota sobe para 3,5% e, em julho, para a taxa integral de 7%. O setor espera para este mês uma melhora nas vendas justamente porque muitos consumidores podem querer escapar da nova alta.

A LCA projeta para o ano um aumento de 2% a 3% nas vendas, abaixo do previsto pela Anfavea, que aposta em 3,5% a 4% (para 3,9 milhões de unidades) e de 4,5% na produção (para 3,5 milhões de unidades). A Fenabrade também espera resultado pouco superior a 3,9 milhões de unidades para 2013 (com caminhões e ônibus) e também uma melhora para o segmento de motos.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,venda-de-carro-e-recorde-no-bimestre-1004950,0.htm>

VALOR ECONÔMICO

<http://www.valor.com.br/>

Internacional

Morte abre disputa pelo poder na Venezuela

Por Fabio Murakawa | De São Paulo

A morte do presidente Hugo Chávez ontem em Caracas deu início à corrida pela sua sucessão na Venezuela. Segundo analistas, a princípio essa disputa será travada apenas entre seus seguidores e a oposição venezuelana. Mas, no médio prazo, o vice-presidente Nicolás Maduro - escolhido por Chávez para ser seu sucessor - pode ter problemas para manter a unidade em torno de sua figura.

Pela Constituição, com a morte do governante, o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, tem até 30 dias para marcar uma data para novas eleições.

A oposição, derrotada pelo chavismo tanto no pleito presidencial de outubro quanto nas eleições para governadores, em dezembro, vem sinalizando desde o início do ano que mais uma vez apresentará um candidato único para concorrer à Presidência. Ainda não há consenso, mas o nome mais forte continua sendo o do governador de Miranda, Henrique Capriles. Ele obteve cerca de 45% dos votos na eleição para presidente, contra 55% de Chávez, e foi um dos três governadores de oposição eleitos em janeiro, contra 23 governistas.

Ontem, Capriles pediu unidade à Venezuela e expressou sua "solidariedade a todos os familiares e seguidores do presidente".

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Do lado chavista, a questão foi resolvida pelo próprio Chávez. Antes de embarcar para tratamento em Cuba em 10 de dezembro, ele anunciou que, se por qualquer motivo, se visse impedido de retornar à Presidência, seu sucessor seria Maduro. "No curto prazo, a comoção gerada pela morte de Chávez certamente vai gerar uma unidade", diz Luiz Pinto, pesquisador do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia. "Uma vez ganhas as eleições, a situação fica mais complicada, e algumas divisões dentro do chavismo podem ser expostas."

Segundo ele, há uma disputa de poder entre lideranças chavistas que têm ascendência sobre algumas instituições, como as Forças Armadas e a estatal de petróleo PDVSA - responsável por 95% das exportações do país.

Além de Maduro e Cabello, vinham sendo apontados como possíveis sucessores de Chávez o presidente da PDVSA, Rafael Ramírez, o irmão do presidente morto e governador do Estado de Barinas, Adán, e o atual ministro das Relações Exteriores, Elías Jaua. Até o momento, no entanto, as maiores lideranças do chavismo têm se mostrado coesas.

Para Héctor Briceño, professor do Centro de Estudos de Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela, o discurso de Maduro - em que disparou contra o "imperialismo americano" e a "oposição burguesa" - momentos antes de ele próprio anunciar a morte de Chávez foi um chamado à união do chavismo em torno de sua figura. "O discurso foi moldado para preparar esses setores para uma notícia mais forte sobre a saúde do presidente", disse Briceño ao Valor cerca de dez minutos antes do anúncio da morte do líder bolivariano.

Segundo ele, até o momento não houve nenhum sinal importante de ruptura dentro do chavismo, apesar de rumores de que setores das Forças Armadas estavam insatisfeitos com o "vazio constitucional" que se havia criado com o afastamento do presidente.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033334/morte-abre-disputa-pelo-poder-na-venezuela>

Ajuste na economia será desafio para Maduro

Por Humberto Saccomandi | De Pádua (Itália)

A morte de Hugo Chávez vai colocar à dura prova a liderança do vice-presidente Nicolás Maduro. Segundo analistas, o país precisa de uma correção urgente de rumo na economia, incluindo um ajuste fiscal e possivelmente mais desvalorização da moeda. Maduro não poderá fazer nada disso

durante a campanha eleitoral. Depois, ficará com o ônus de um ajuste que poderá ser terrivelmente impopular.

Em setembro, o FMI estimou o déficit público da Venezuela em 7,4% para o ano passado. A estimativa oficial, de pouco mais de 5%, não é levada a sério. Mas, segundo a consultoria Ecoanalítica, o déficit no ano eleitoral de 2012 foi da ordem de 15%, o que é insustentável. Isso apesar da receita elevada, já que a cotação do petróleo ficou acima de US\$ 100 o barril.

No começo de fevereiro, o governo desvalorizou o bolívar em 32% em relação ao dólar. Ainda assim, a diferença entre o câmbio oficial (6,2 bolívares por dólar) e o paralelo (23,6 bolívares ontem) permanece muito elevada. Isso pode indicar mais desvalorização.

O ajuste fiscal fará com que o governo reduza gastos, inclusive com os benefícios sociais, que deram popularidade a Chávez. A desvalorização deve alimentar a inflação, que fechou 2012 em 19,9% e já é a maior da América Latina.

Como resultado do ajuste esperado, a economia deve ter forte desaceleração neste ano, em relação aos 5,5% estimados para 2012, e que foram puxados pelos gastos do governo.

Maduro não poderá tomar medidas impopulares agora, imediatamente antes da nova eleição presidencial, para a qual ele é amplamente favorito.

Mas o ajuste é considerado inevitável, até porque avalia-se que o saldo da conta petróleo esteja caindo, devido à queda na produção de derivados. A importação de combustíveis dos EUA cresceu muito em 2012.

Chávez tinha capital político para pedir sacrifícios à população. Maduro não tem. E seus rivais no chavismo estarão atentos à queda na sua popularidade. A economia poderá ser uma herança maldita para o herdeiro de Chávez

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033336/ajuste-na-economia-sera-desafio-para-maduro>

O legado de Chávez

Por Rubens Ricupero | Para o Valor

Hugo Chávez passará à história como a manifestação mais inconfundível da afirmação de um ator político novo na América Latina: as periferias das metrópoles nascidas da urbanização explosiva

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

das últimas décadas. Ele foi um dos primeiros a intuir que essas periferias não se sentiam representadas pelos partidos tradicionais dado o fracasso destes em melhorar a vida das maiorias. Preenchendo esse vácuo, seu gênio foi tentar dar às periferias expressão própria, canalizando assim o descrédito desses partidos e instituições para um movimento de redistribuição imediata de benefícios tangíveis aos mais carentes: saúde, educação pública, moradia, alimentos.

O tempo histórico de Chávez é diferente do que prejudicou muitos líderes populares anteriores no continente. Ele é o primeiro a surgir após a Guerra Fria e o fim do comunismo. Isso e a concentração estratégica americana no Oriente Médio explicam que os Estados Unidos tenham se acomodado, embora de mau grado, a seu anti-imperialismo.

Sua circunstância nacional também contrasta com a da redemocratização na Argentina, no Brasil e no Chile no início dos anos 1980. Ele não teve de reagir contra uma ditadura militar (a última terminara na Venezuela em 1958). Seu duplo alvo eram os partidos desmoralizados da democracia tradicional e a ortodoxia econômica do Consenso de Washington, que impusera o pacote de ajuste econômico acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) pelo presidente Carlos Andrés Pérez (1989). O violento protesto popular contra o pacote, o "caracazo", e sua brutal repressão estão na raiz da ascensão que, depois de muitas peripécias, levaria o jovem oficial paraquedista ao poder (1999).

Entende-se assim que suas prioridades fossem a refundação da República e uma política econômica e social de signo oposto ao consenso neoliberal. A palavra refundação sugere que a independência promovida por Simón Bolívar havia sido confiscada pela oligarquia. Impunha-se, portanto, abandonar as instituições tradicionais mediante reformas que rompessem os mecanismos eleitorais, legislativos e judiciais de perpetuação da oligarquia no poder.

A refundação visava reinventar uma democracia nova, de participação direta, não mais do tipo clássico de partidos e representação indireta. A participação se efetivaria por meio de mecanismos inovadores e pelo recurso frequente a referendos e consultas diretas aos cidadãos. Uma das consequências é a autorização de reeleições sucessivas do presidente, que não escondia a aspiração de governar até 2031. Desaparece na prática o sistema de pesos e contrapesos e a verdadeira possibilidade de alternância no poder, características da democracia representativa.

Na visão chavista, seria essa a única maneira de transformar a economia no sentido de uma radical redistribuição da riqueza e dos recursos naturais em favor da maioria pobre e mestiça. Para isso criaram-se mais de 20 programas assistenciais ou de transferência de renda, as chamadas "misiones bolivarianas". Os preços altos do petróleo forneceram a Chávez os meios para realizar esse programa, conquistando o apoio dedicado de mais da metade da população.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Multiplicaram-se nacionalizações e intervenções nas atividades produtivas sem que tivesse havido real transformação das estruturas da economia. Apesar do ambicioso objetivo de construir o "Socialismo do Século XXI", a Venezuela continua a ser o que sempre foi ao longo desses cem anos: uma economia rentista de petróleo. O que mudou foi o setor que se apropria agora da maior parcela dessa renda.

O petróleo financiou também a ajuda a Cuba, aos caribenhos e a criação da Alba, Aliança Bolivariana. Embora haja alguma semelhança entre os bolivarianos, as diferenças são ainda mais acentuadas. No fundo, o modelo chavista não se mostrou exportável devido à especificidade petrolífera venezuelana.

Dotado de grande habilidade tática, Chávez sobreviveu ao golpe de 2002, à greve geral daquele ano e à derrota de sua reforma constitucional de 2007. A maioria do chavismo é indiscutível, mas a oposição oscila em torno de significativa parcela de 40% do eleitorado, expressão de sociedade polarizada e radicalizada em dois segmentos diferenciados pela classe social e até pelo grau de miscigenação racial.

O desaparecimento de Hugo Chávez não significará a extinção do movimento de genuína base social que fundou, da mesma forma que não se apagaram os legados de Getúlio Vargas, Juan Perón ou Haya de La Torre. Não é impossível que, num primeiro momento, sua morte gere (como no suicídio de Getúlio ou na morte de Néstor Kirchner) um efeito de simpatia em favor dos sucessores. É o que parece ter ocorrido nas eleições regionais de dezembro, em que a oposição só conseguiu manter três dos sete governos estaduais que detinha. O desafio do chavismo virá mais adiante, devido ao seu fracasso na economia e na efetivação de muitas das reformas que tentou introduzir.

Ainda assim, seria pecar por superficialidade subestimar Chávez devido a seus dotes histrionicos ou descartá-lo como mais um caudilho populista latino-americano, ignorando a profunda aspiração de transformação social e cultural à qual buscou dar expressão. A ascensão dos setores populares próximos da linha de pobreza, sua exigência de dignidade e vida melhor, continuarão a alimentar na Venezuela e na América Latina movimentos que só se esgotarão quando se realizar sua promessa. Como o surgimento de um ator novo acarreta mudanças na posição de outros, é provável que isso gere desestabilização por décadas como aconteceu na Europa do século XIX.

Não compreender por que milhões de venezuelanos rezam por Chávez é repetir a experiência narrada por Ernesto Sabato sobre a queda de Perón em 1955. O escritor comemorava com amigos

intelectuais e profissionais liberais o fim do ditador que envergonhava a Argentina até que, em certo momento, teve de entrar na cozinha. Lá, todos os empregados choravam...

Rubens Ricupero foi ministro da Fazenda (1994) e atualmente é diretor da Faculdade de Economia da Faap

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033332/o-legado-de-chavez>

Brasil

Bird prevê expansão de 3,5%

Por Daniel Rittner | De Brasília

O presidente do Banco Mundial (Bird), Jim Yong Kim, disse esperar um repique do PIB após o baixo crescimento econômico registrado no Brasil em 2012, e prevê expansão de 3,5% em 2013. "Nós entendemos a frustração pelo crescimento de 0,9% no ano passado, mas ele teve muito a ver com fatores externos, como a baixa demanda global", disse Yong Kim, após reuniões com os ministros Guido Mantega (Fazenda) e Tereza Campello (Desenvolvimento Social).

"A nossa expectativa é que o crescimento chegue a 3,5% neste ano", afirmou. Yong Kim reconheceu que "precisamos de crescimento do setor privado", mas destacou que "o compromisso do governo brasileiro com a inclusão social tem sido impressionante". Segundo ele, "o sucesso do Brasil é extremamente importante para o sucesso do Banco Mundial".

Yong Kim disse que "é extremamente difícil prever o impacto" do corte de gastos do governo dos EUA, que entrou em vigor em 1º de março. "Esperamos que os partidos políticos encontrem uma saída", afirmou Yong Kim, sem fazer previsões sobre os riscos que isso pode ter para a economia global.

Segundo ele, o Banco Mundial está muito atento ao impacto que a fragilidade das economias americana e europeia ainda pode ter sobre os países em desenvolvimento. Yong Kim pediu que se evitem cortes nos gastos em educação e em infraestrutura, diante das dificuldades. "O que estamos fazendo é pedir que os países não ajustem todos os programas para reagir ao curto prazo. Pensem em investimentos em capital humano e infraestrutura", afirmou o presidente do banco.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3033154/bird-preve-expansao-de-35>

Lei de produtos químicos da UE já afeta Brasil

Por Marta Watanabe | De São Paulo

O Reach, sigla em inglês de uma legislação para controle da entrada de produtos químicos na zona do euro, começa a trazer maiores impactos para os exportadores brasileiros. Companhias como Braskem e Petrobras notam maior demanda de consultas de clientes e de pedidos de certificados em função da evolução da legislação. A Alpargatas substituiu os compostos chamados de ftalatos em toda a linha de chinelos Havaianas para livrar seus produtos de qualquer restrição do Reach nas vendas aos europeus. A Abiquim, entidade que reúne a indústria química, estima que a legislação atingirá 50% das exportações brasileiras.

Apesar de ser aplicada desde 2007, a legislação entra agora numa fase em que seu alcance se amplia. Em junho começa o prazo para que empresas que exportam individualmente de 1 a 100 toneladas ao ano à zona do euro em substâncias químicas, mesmo quando usadas em artigos, façam os registros e tenham na Europa um representante legal para responder civil e criminalmente. Atualmente somente as exportações acima de cem toneladas anuais exigem registro do exportador. Paralelamente, as empresas começam a sentir os efeitos de uma fiscalização mais rígida do cumprimento da legislação.

O que diferencia o Reach dos demais controles não tarifários à importação é a inversão do ônus da prova, pela qual os exportadores precisam provar de antemão que as substâncias que vende ou que estão incorporadas a seus produtos seguem a legislação. Para isso precisam fazer registros, realizar testes e encomendar laudos que comprovem a situação legal. Nas demais barreiras, as exportações ficam sujeitas à fiscalização, mas não existe necessidade de comprovação antecipada.

A Petrobras exporta óleo combustível e lubrificantes para a União Europeia. Mas, além de garantir o cumprimento da legislação dos produtos que exporta diretamente para a zona do euro, a companhia precisa manter também o registro das substâncias químicas que vende para indústrias brasileiras exportadoras para a União Europeia. "Antes a preocupação com o Reach era apenas das grandes indústrias exportadoras. Agora isso está se pulverizando e chegando aos nossos clientes", diz Fernando de Castro Sá, coordenador do Reach na Petrobras. Ele diz que há sete ou oito meses dobrou o número de pedidos de clientes que solicitam a emissão dos certificados pela Petrobras de que as substâncias químicas adquiridas da companhia estão dentro da legislação do Reach.

A Braskem também nota os efeitos da evolução da legislação. Mayla Salmeron, especialista comercial e responsável pelo Reach na empresa, diz que as consultas formais relacionadas ao

Reach que ela recebe chegam a duas ou três por semana. Antes, informa, eram duas ou três solicitações a cada mês ou a cada dois meses.

"Quando emitimos um certificado, esclarecemos ao cliente que o documento demonstra que o insumo fornecido pela Braskem está de acordo com Reach", esclarece Mayla. O insumo certificado, diz, não torna o produto do cliente automaticamente de acordo com a legislação europeia. "Notamos que para muitos clientes falta entender a dinâmica de como funciona a legislação." O produtor de artigos enquadrados no Reach precisa procurar seus fornecedores de substâncias químicas para ter a certificação de cada um deles e também submeter seus produtos a testes que incluem avaliações físicas, mecânicas e sensoriais, entre outras.

O maior alcance do Reach vai fazer com que as empresas avaliem se o mercado europeu vale o custo imposto pela legislação, diz Nícia Maria Fusaro Mourão, gerente de assuntos regulatórios da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim). Segundo cálculos da entidade, a legislação do Reach deve atingir cerca de metade da pauta de exportação brasileira, levando em conta os artigos que ao fim de todo processo de transição deverão obedecer às regras da legislação europeia.

Além da complexidade da legislação, o custo de seguir o Reach também deve pesar na hora do exportador avaliar o mercado europeu. A inversão do ônus da prova promovida pelo Reach é considerada emblemática no campo das barreiras não tarifárias. Cabe às empresas apresentar registros, laudos e testes laboratoriais para provar que as substâncias que vende ou que são usadas em sua produção não são nocivas à saúde humana ou ao ambiente. Isso torna o Reach especialmente mais custoso.

A Petrobras, calcula Castro Sá, gastou nos últimos anos pelo menos € 4,3 milhões para seguir a legislação do Reach, sem contabilizar despesas como carga tributária, custo da equipe interna e dos representantes legais instalados na Europa. "Para seguir outras legislações semelhantes gastamos 10% disso", diz.

O Reach estabelece um procedimento altamente dinâmico, que torna mais difícil mensurar seus custos, diz Mayla. Ela explica que o registro não significa o término de um procedimento em relação à substância química. O registro vai para avaliação da Echa, sigla em inglês da agência europeia responsável pelo acompanhamento desses processos.

Após a avaliação, diz Mayla, a substância química pode passar para a fase de "autorização". Isso obriga cada exportador que opera com a substância a requisitar autorização à agência para que

possa vender o produtos aos países europeus, sob determinadas condições. Após a avaliação, a substância também pode ser banida, o que significa que ela deve ser substituída por outra.

A legislação do Reach inclui também a lista do SVHC, sigla em inglês para "substâncias altamente preocupantes". Essa lista relaciona as substâncias para as quais há uma espécie de sinal amarelo e sobre as quais pairam suspeitas de algum impacto à saúde do homem ou ao ambiente. As substâncias da lista que ultrapassem 0,1% por peso do artigo exportado para a zona do euro precisam passar por notificação. Alguns ftalatos, substâncias químicas usadas para dar liga aos plásticos e borrachas, entraram na lista de atenção. Carla Schmitzderger, diretora da unidade de negócios das sandálias Havaianas (Alpargatas), diz que em 2008 a empresa retirou os ftalatos da produção de todos os seus chinelos, infantis e para adultos. A substituição dos ftalatos resultou em aumento de custos que, segundo Carla, não foi repassada ao preço. "O mercado europeu, ao lado de países do continente africano, representa 30% da exportação da unidade, diz a diretora.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3033148/lei-de-produtos-quimicos-da-ue-ja-afeta-brasil>

O GLOBO

<http://oglobo.globo.com/>

Mundo

Maduro assume, e Venezuela terá eleições em 30 dias, diz chanceler

Tribunal Supremo de Justiça deve se pronunciar sobre o caso.

Presidente Hugo Chávez morreu nesta terça aos 58 anos em Caracas.

Do G1, em São Paulo

O ministro de Relações Exteriores da Venezuela, Elías Jaua, disse nesta terça-feira (5) que, após a morte do presidente Hugo Chávez, o país vai convocar eleições dentro de 30 dias.

Jaua afirmou também que o vice-presidente, Nicolás Maduro, vai permanecer interinamente no poder.

"Agora se produziu uma falta absoluta [do presidente], assume o vice-presidente o poder como presidente, e eleições vão ser convocadas nos próximos 30 dias", disse Jaua na TV Telesur.

"Essa é a ordem que nos deu o comandante presidente Hugo Chávez."

A Constituição da Venezuela prevê que, no caso de morte do presidente, o governo seja assumido pelo presidente da Assembleia, Diosdado Cabello, mas há outras interpretações.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Aguarda-se que o Tribunal Supremo de Justiça, principal corte venezuelana, se pronuncie sobre o tema.

Jaua também disse que o país está em "total normalidade" horas após a morte de Chávez.

Jaua afirmou que o corpo de Chávez, que morreu em um hospital militar de Caracas, vai ser levado na quarta-feira ao hall da Academia Militar, em Caracas, onde será velado até sexta, mesmo dia em que ocorrerá seu funeral.

A expectativa é que vários líderes e personalidades latino-americanos participem do velório. Eles devem participar de uma cerimônia às 10h (11h30 de Brasília) de sexta.

O local do enterro ainda não foi revelado.

O governo também determinou sete dias de luto oficial, segundo o chanceler.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/maduro-assume-e-venezuela-tera-eleicoes-em-30-dias-diz-chanceler.html>

**'Chávez foi meu adversário, nunca meu inimigo', diz líder opositor
Governador Henrique Capriles, principal referência da oposição nas últimas eleições, oferece condolências à família de presidente da Venezuela.**

BBC

O líder opositor venezuelano Henrique Capriles ofereceu em discurso suas condolências à família do presidente do país Hugo Chávez, que faleceu na terça-feira em Caracas.

Se dirigindo aos venezuelanos, o governador e principal candidato da oposição nas últimas eleições disse: 'Não temam, entre nós, garantiremos a paz que essa pátria merece'.

Capriles, que perdeu para Chávez no pleito presidencial de outubro do ano passado, disse esperar que o governo respeite a Constituição e que as Forças Armadas permaneçam a serviço de todos.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/chavez-foi-meu-adversario-nunca-meu-inimigo-diz-lider-opositor.html>

Kirchner, Mujica e Morales chegam a Caracas para se despedir de Chávez

France Presse

CARACAS, 06 Mar 2013 (AFP) - A presidente argentina, Cristina Kirchner, e os líderes de Uruguai e Bolívia, José Mujica e Evo Morales, chegaram na manhã desta quarta-feira a Caracas para participar das cerimônias fúnebres e de homenagem a Hugo Chávez, falecido na terça-feira após quase dois anos de batalha contra um câncer, segundo imagens divulgadas pela Telesur.

As imagens mostraram a presidente argentina, vestida de preto e visivelmente emocionada, em sua chegada ao aeroporto de Maiquetía (que serve Caracas), onde foi recebida por uma funcionária do governo venezuelano às cinco da manhã (06h30 de Brasília).

Minutos depois desembarcou o presidente uruguai, José Mujica, acompanhado por sua esposa, a senadora Lucía Topolansky, que foram recebidos pela mesma funcionária.

Kirchner e Mujica viajaram de Buenos Aires em um avião da presidência argentina.

Mais de uma hora depois, chegou o presidente boliviano, que foi recebido pelo chanceler Elías Jaua.

'Em nome da Bolívia, venho acompanhar o povo venezuelano neste momento difícil, não apenas para a Venezuela, mas também para a Bolívia e para todos aqueles povos que lutam por sua liberdade', disse Morales em sua chegada, segundo o site da Telesur.

O velório de Chávez começará nesta quarta-feira no hall da Academia Militar de Caracas e prosseguirá até sexta-feira, quando será celebrada a cerimônia oficial, com a presença de vários chefes de Estado.

jm/cd/ma

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/kirchner-mujica-e-morales-chegam-a-caracas-para-se-despedir-de-chavez.html>

Conselho dos Direitos Humanos da ONU faz minuto de silêncio para Chávez

Reuters

Por Stephanie Nebehay

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

GENEBRA, 6 Mar (Reuters) - O principal fórum de direitos humanos da ONU observou um minuto de silêncio, nesta quarta-feira, em homenagem ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que foi alvo frequente de críticas do próprio organismo ao longo dos anos.

O Conselho de Direitos Humanos da ONU expressou preocupações repetidas sobre a liberdade de expressão, a falta de independência do Judiciário, restrições a ativistas, e detenções arbitrárias na Venezuela sob o governo de Chávez, que morreu na terça-feira.

A embaixadora de Cuba --que já declarou três dias de luto pela morte de seu aliado Chávez-- liderou os diplomatas em Genebra na observância do minuto de silêncio.

"Em nome da América Latina e do Caribe, desejamos expressar a nossa profunda solidariedade com o povo e o governo da Venezuela, especialmente os familiares e amigos do comandante Chávez", disse a embaixadora Anayansi Rodríguez Camejo.

"Chávez foi fundamental no avanço da América Latina para sua segunda independência. Ele trabalhou incansavelmente não só para o seu povo, mas para a melhoria das nações da América Latina e do Caribe", disse ela.

Sob o comando de Chávez, a Venezuela alcançou a maioria dos ambiciosos objetivos da ONU para melhorar a saúde e a educação, conhecidos como Metas de Desenvolvimento do Milênio, segundo a diplomata cubana.

"Chávez não morreu, ele não entrará para a história ontem, ele entrou para a história uma década atrás, quando começou a revolução bolivariana e a luta pela verdadeira integração latino-americana", disse ela.

O polonês Remigiusz Aquiles Henczel, que detém a presidência rotativa do Conselho, disse: "Nós reiteramos, em nome do conselho, as nossas condolências ao povo e ao governo da Venezuela pela morte de Hugo Chávez".

A Venezuela se tornou um dos 47 membros do conselho este ano, sob um sistema de rodízio em que os países membros são escolhidos pela Assembleia Geral da ONU. Os países ocidentais esperam que o país vote nos mesmos moldes de Cuba sobre questões como a Síria e a Coreia do Norte, agora que seu aliado do Caribe não é mais membro.

CRÍTICAS À VENEZUELA

O Conselho, que está realizando sua principal sessão anual de quatro semanas, discutiu na terça-feira casos de detenção arbitrária, incluindo o da juíza venezuelana Maria Lourdes Afiuni Mora.

Afiuni está detida desde dezembro de 2009 e foi estuprada na prisão, de acordo com especialistas independentes da ONU. Ela foi presa depois de permitir a soltura de um empresário acusado de subverter controles cambiais, alegando que a prisão preventiva dele era mais longa do que o geralmente permitido pela lei venezuelana.

"A situação da juíza Afiuni é um caso emblemático de represália por ter colaborado com um dos órgãos de direitos humanos da ONU", disse Margaret Sekaggya, relatora especial da ONU sobre os defensores de direitos humanos, em comunicado em 14 de fevereiro.

A delegação da Venezuela denunciou na terça-feira Afiuni por suas "atividades fraudulentas e recusa a comparecer perante o tribunal".

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/conselho-dos-direitos-humanos-da-onu-faz-minuto-de-silencio-para-chavez-2.html>

Dilma decreta luto de três dias pela morte de Hugo Chávez

Presidente da Venezuela morreu aos 58 nesta terça (5), vítima de câncer.

Em discurso, Dilma disse que Chávez era 'amigo do povo brasileiro'.

Do G1, em Brasília

A edição do "Diário Oficial da União" desta quarta-feira (6) publicou decreto de luto oficial de três dias declarado pela presidente Dilma Rousseff por causa da morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez. O luto vai até o próximo sábado (8), período no qual a bandeira nacional deve ser hasteada a meio mastro nas repartições públicas, estabelecimentos de ensino e sindicatos.

Chávez morreu na tarde desta terça-feira (5), aos 58 anos, na capital Caracas, após mais de um ano e meio de luta contra o câncer. A morte ocorreu às 16h25 locais (17h55 de Brasília), segundo o vice-presidente Nicolás Maduro, herdeiro político de Chávez, que fez o anúncio em um pronunciamento ao vivo na TV.

Após o anúncio da morte do venezuelano, Dilma decidiu cancelar a viagem que faria de quinta-feira (7) a sábado (9) para a Argentina, onde teria reuniões bilaterais com a presidente Cristina Kirchner. A presidente e o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota devem ir ao velório em Caracas.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Ainda na noite desta terça, durante evento da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura, em Brasília, Dilma lamentou a morte do colega e pediu um minuto de silêncio. Durante o discurso, ela disse que a morte de Chávez "deve encher de tristeza todos os latino-americanos" e que a perda é "irreparável".

"Essa morte deve encher de tristeza todos os latino-americanos e centro-americanos. O presidente Chávez foi, sem dúvida, uma liderança comprometida com o seu país e com o desenvolvimento dos povos da América Latina", afirmou.

Noutro momento, após reconhecer que nem sempre o governo brasileiro concordava com o governo venezuelano, ela disse que Chávez era um amigo do povo brasileiro. "Hoje, como sempre, nós reconhecemos nele uma grande liderança, uma perda irreparável de, sobretudo, um amigo do Brasil, um amigo do povo brasileiro."

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/dilma-decreta-luto-de-tres-dias-pela-morte-de-hugo-chavez.html>

UE recebeu com pesar a notícia da morte de Chávez

France Presse

BRUXELAS, 06 Mar 2013 (AFP) - A União Europeia (UE) recebeu 'com pesar' a notícia da morte do presidente da Venezuela Hugo Chávez e espera 'aprofundar' as relações com este país, informa um comunicado divulgado nesta quarta-feira.

'A Venezuela tem se destacado por seu desenvolvimento social e por contribuir para a integração regional da América do Sul', afirma o texto assinado pelo presidente do Conselho Europeu, Herman Van Rompuy, e o da Comissão Europeia, José Manuel Barroso.

'Esperando aprofundar nossas relações no futuro, transmitimos ao povo e ao governo venezuelanos nosso sincero pesame e simpatia', completou.

O governo da Espanha também expressou condolências pela morte de Chávez e destacou que deseja melhorar as relações com a Venezuela.

A nota oficial considera Chávez um 'personagem político de grande influência para a América Latina' e recorda as 'relações de profunda amizade que unem os dois países'.

ml/fp

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/ue-recebeu-com-pesar-a-noticia-da-morte-de-chavez.html>

China considera Chávez um grande líder e amigo

France Presse

PEQUIM, 06 Mar 2013 (AFP) - O governo da China afirmou nesta quarta-feira que considera o falecido presidente venezuelano Hugo Chávez 'um grande amigo', que estreitou as relações comerciais entre os dois países.

'O presidente Chávez foi um grande líder da Venezuela e um grande amigo do povo chinês. Contribuiu de forma importante para as relações amistosas e frutíferas entre China e Venezuela', declarou Hua Chunying, porta-voz do ministério chinês das Relações Exteriores.

O presidente chinês Hu Jintao e seu sucessor designado, Xi Jinping, líder do Partido Comunista Chinês, enviaram cada um a Caracas uma mensagem de condolências, informou a porta-voz.

A cooperação entre Caracas e Pequim aumentou consideravelmente nos últimos anos, com a assinatura de acordos de bilhões de dólares nas áreas de petróleo, energia, construção, indústria e tecnologia.

Pequim estabeleceu uma linha de crédito de 30 bilhões de dólares a Venezuela, que vende 640.000 barris de petróleo por dia aos chineses. Desta quantidade, 264.000 correspondem ao pagamento da dívida.

Depois de 14 anos no poder, Hugo Chávez faleceu na terça-feira em Caracas aos 58 anos, vítima de um câncer diagnosticado em 2011.

nc-seb/fp

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/china-considera-chavez-um-grande-lider-e-amigo.html>

Putin afirma que Chávez era um homem fora do comum que olhava para o futuro

France Presse

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

MOSCOU, 06 Mar 2013 (AFP) - O presidente russo Vladimir Putin afirmou nesta quarta-feira que o falecido presidente venezuelano Hugo Chávez era um 'homem fora do comum, que olhava para o futuro'.

'Era um homem fora do comum e forte, que olhava para o futuro e que sempre foi extremamente exigente consigo mesmo', escreveu Putin em um telegrama de condolências.

Putin agradeceu a Chávez por ter estabelecido as 'bases sólidas' das atuais relações entre Rússia e Venezuela.

edy/fp

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/putin-afirma-que-chavez-era-um-homem-fora-do-comum-que-olhava-para-o-futuro.html>

Grã-Bretanha nega que irá impor restrições para vistos a brasileiros

Em nota oficial, governo desmentiu notícia do 'Financial Times' sobre possível endurecimento de concessão de vistos.

BBC

A Grã-Bretanha negou que tenha planos de impor aos brasileiros um novo sistema de concessão de vistos.

O pronunciamento do governo foi uma resposta a uma reportagem publicada na segunda-feira pelo jornal Financial Times, segundo a qual o governo da Grã-Bretanha estaria em vias de endurecer as regras de concessão de vistos para brasileiros.

Em uma nota oficial, a Embaixada britânica afirmou: "O Brasil é um parceiro importante para o Reino Unido e estamos investindo bastante em nossos laços diplomáticos e econômicos. Atualmente, não temos planos de impor ao Brasil um regime de vistos".

De acordo com o Financial Times, a ministra do Interior britânica, Theresa May, iria propor um fim ao acordo atualmente em vigor que permite a brasileiros permanecer até seis meses na Grã-Bretanha sem visto.

Na reportagem, o Financial Times afirmou que o plano de May põe a Grã-Bretanha na contramão de medidas adotadas por outros países, como os Estados Unidos e a Austrália, que estariam afrouxando restrições de vistos a brasileiros a fim de estimular o turismo e os negócios.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Segundo o jornal, May queria coibir a entrada de imigrantes ilegais brasileiros na Grã-Bretanha, mas a proposta da ministra do Interior contaria com a oposição de outros ministros do governo, que temem que, se adotada, ela poderia abalar as relações britânicas com o Brasil, que vinha sendo visto pelo premiê David Cameron como país-chave em termos de relações comerciais com a Grã-Bretanha.

Oposição

Entre os que se opõem à possível medida estariam o ministro de Relações Exteriores britânico, William Hague, e o ministro das Finanças, George Osborne.

Outra fonte entrevistada pelo diário afirmou que May peca por uma postura "mão pesada" pela imposição de vistos e que ela mostrou "não entender" a repercussão para o comércio com as nações do bloco Brics (formado pela Rússia, Índia, China e África do Sul).

O ministério do Interior também vinha sendo criticado pelos complicado processo de obtenção de vistos por turistas chineses.

O jornal diz que dados de 2011 do Ministério do Interior colocam o Brasil no quinto lugar da lista dos dez países que mais oferecem imigrantes ilegais para a Grã-Bretanha; cerca de 2 mil brasileiros são extraditados da Grã-Bretanha anualmente.

Robert Halfon, líder conservador do grupo suprapartidário Commons Brazil, que visa firmar laços entre parlamentares britânicos e congressistas brasileiros e discutir temas de interesse mútuo, afirmou ao Financial Times que a medida seria "um grande passo para trás", que provocaria o antagonismo de um país que está se tornando "uma das mais importantes nações do mundo".

Tanto o primeiro-ministro David Cameron como o vice-primeiro-ministro Nick Clegg já visitaram o Brasil. No ano passado, durante sua visita ao Rio e a São Paulo, Cameron estava acompanhado de 58 empresários.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/gra-bretanha-nega-que-ira-impor-restricoes-para-vistos-a-brasileiros.html>

O que diz a Constituição sobre a sucessão de Chávez

France Presse

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

CARACAS, 06 Mar 2013 (AFP) - O chanceler venezuelano, Elías Jaua, anunciou nesta terça-feira que o vice-presidente, Nicolás Maduro, exercerá a presidência interina após a morte de Hugo Chávez, com a missão de convocar eleições 'nos próximos 30 dias', como 'determinou o comandante presidente'.

Mas a Constituição venezuelana de 2000 estabelece o seguinte:

Artigo 233 - 'Serão faltas absolutas do presidente ou presidenta da República: sua morte, sua renúncia, sua destituição decretada por sentença do Supremo Tribunal; sua incapacidade física ou mental permanente certificada por junta médica designada pelo Supremo Tribunal e com a aprovação da Assembleia Nacional; o abandono do cargo, declarado como tal pela Assembleia Nacional, e a revogação popular de seu mandato.

'Quando se produzir a vacância absoluta do presidente eleito ou presidenta eleita antes da posse, se procederá a uma nova eleição universal, direta e secreta, dentro dos trinta dias consecutivos seguintes. Enquanto se elege e toma posse o novo presidente ou nova presidenta, se encarregará da presidência da República o presidente ou presidenta da Assembleia Nacional.

'Se a falta absoluta do presidente ou presidenta da República ocorrer nos primeiros quatro anos do período constitucional, se procederá uma nova eleição universal, direta e secreta nos trinta dias consecutivos seguintes. Enquanto se elege e toma posse o novo presidente ou nova presidenta, se encarregará da presidência da República o vice-presidente executivo ou a vice-presidenta executiva.

'Se a falta absoluta ocorrer durante os últimos dois anos do período constitucional, o vice-presidente executivo ou a vice-presidenta executiva assumirá a presidência da República até o final do referido período'.

A situação após a morte de Hugo Chávez é excepcional, já que ele não tomou posse para o terceiro mandato consecutivo de seis anos no dia 10 de janeiro passado, diante da Assembleia Nacional, como previa a Constituição, mas o Supremo Tribunal decidiu que ele poderia fazê-lo mais tarde, no próprio órgão, e que o 'poder executivo constituído permanecia sendo exercido cabalmente com base no princípio da continuidade administrativa'.

Antes de viajar a Havana para a quarta operação contra um câncer, Chávez disse que se ficasse 'inabilitado' para governar, Maduro deveria assumir o governo e ser o candidato governista.

'Nicolás Maduro não apenas deve concluir o período, mas na minha firme opinião, plena como a lua cheia, irrevogável, absoluta, total, é que neste cenário, que obrigará a convocação de eleições presidenciais, que elejam Nicolás Maduro como presidente da República Bolivariana da Venezuela'.
jm/rn/lr

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/o-que-diz-a-constituicao-sobre-a-sucessao-de-chavez.html>

Economia

Declarada situação de emergência fitossanitária em lavouras de algodão

Agencia Estado

Brasília, 06 - A Secretaria de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura publicou nesta quarta-feira no Diário Oficial da União (DOU) portaria que declara situação de emergência fitossanitária, em virtude do ataque intensivo da lagarta da maçã (*Helicoverpa zea*) em lavouras de algodão e soja. O ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro Filho, entrou em contato na terça-feira (05) com os ministros do Meio Ambiente, Isabella Teixeira, da Saúde, Alexandre Padilha, para propor a aprovação em caráter emergencial do registro de novas substâncias para uso restrito no combate à lagarta.

A portaria institui o Grupo de Gerenciamento Situacional de Emergência, que será formado por representantes dos departamentos de Sanidade Vegetal e Fiscalização de Insumos Agrícolas do Ministério da Agricultura; Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Fórum Nacional dos Executores de Sanidade Agropecuária (Fonesa); Associação Brasileira dos Produtores de Soja (Aprosoja Brasil); e Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). A portaria é assinada pelo secretário de Defesa Agropecuária substituto, Ricardo da Cunha Cavalcanti Junior.

Fonte: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/03/declarada-situacao-de-emergencia-fitossanitaria-em-lavouras-de-algodao.html>

AGÊNCIA BRASIL

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Economia

BNDES: investimentos na economia brasileira entre 2013 e 2016 aumentarão 29%

Alana Gandra, Repórter da Agência Brasil

05/03/2013 - 17h14

Rio de Janeiro - Os investimentos projetados para o Brasil no período 2013-2016 serão R\$ 3,80 trilhões, com aumento de 29% em comparação aos R\$ 2,95 trilhões previstos para o quadriênio anterior (2008-2011). É o que mostra a pesquisa Perspectivas do Investimento, elaborada pela Área de Pesquisa e Acompanhamento Econômico do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Os números indicam uma retomada do investimento na economia, disse hoje (5) à Agência Brasil o economista-chefe do BNDES, Fernando Pimentel Puga. O aumento do investimento é puxado pela área de logística, dentro do setor de infraestrutura. "É o setor com melhores perspectivas de crescimento", disse. Porém, sozinho, o setor de logística não puxa o investimento todo da economia. "Mas, em termos de taxa de crescimento e até da importância para a competitividade, ele se destaca".

O bloco da logística, englobando transportes rodoviários, ferrovias, portos e aeroportos, prevê ampliar os investimentos de R\$ 80 bilhões para R\$ 179 bilhões entre os quadriênios 2008-2011 e 2013-2016. O crescimento atingirá 124%. "Dobrará o investimento nos próximos anos". Segundo Puga, a expansão está "muito ligada ao esforço do governo de mudar o marco regulatório, de ampliar as concessões, o que a gente viu lá atrás nos setores de telecomunicações e de energia elétrica". Para ele, o aumento é fruto do esforço governamental para melhorar a competitividade da economia e a eficiência.

O maior percentual de incremento de investimentos (224,1%) ocorrerá na indústria aeronáutica, que subirá de R\$ 3 bilhões para R\$ 10 bilhões e inclui o desenvolvimento de um helicóptero com tecnologia nacional, entre outros projetos.

Em função do pré-sal, os investimentos no setor de petróleo e gás no período 2013-2016 estão estimados em R\$ 405 bilhões. O incremento em relação ao quadriênio anterior é 46,8%. O cenário considera que a Petrobras, passado o atual momento de ajuste com a nova direção, apontado por Puga como "o momento de arrumar a casa", vai retomar os investimentos.

O economista-chefe do BNDES avaliou que a questão política envolvendo os royalties do petróleo não deverá influenciar os investimentos no setor. "O investimento em si independe [da questão política] e vai crescer".

Puga disse que os setores mais voltados para o consumo das famílias também estão com boas perspectivas e são influenciados pela continuidade do movimento de migração das classes sociais D e E para a classe C e da criação de um mercado de consumo de massa. Um exemplo é o bloco da indústria automotiva, que deverá elevar os investimentos em 49,2%, passando de R\$ 42 bilhões para R\$ 63 bilhões.

Para o setor de infraestrutura como um todo, a pesquisa do BNDES mapeou aumento de investimentos de 36,2%, subindo de R\$ 359 bilhões nos quatro anos compreendidos entre 2008 e 2011 para R\$ 489 bilhões no quadriênio seguinte. O grande motor do setor é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Agricultura e serviços vêm em seguida, com perspectiva de expansão de 31,9% dos investimentos, que deverão passar de R\$ 1,149 trilhão para R\$ 1,515 trilhão. A construção residencial projeta investimentos no total de R\$ 770 bilhões até 2016, com variação positiva de 29,1%, puxados pelo Programa Minha Casa, Minha Vida, do governo federal. Para a indústria, o aumento atinge 22%, com investimentos em torno de R\$ 1,03 trilhão no período 2013-2016.

A energia elétrica (3,6%) terá desempenho modesto, porque os grandes projetos de geração foram efetuados entre 2008 e 2011.

As exceções são os setores sucroenergético, siderúrgico e extrativo mineral, que sinalizam queda nos investimentos de 90,2%, 21,4% e 15,1%, respectivamente, nos próximos quatro anos. No caso da indústria extractiva mineral, o setor experimentou um forte ciclo de investimento quando os preços do minério estavam acelerando anualmente e agora se acha em desaceleração, disse Puga.

Na indústria siderúrgica, o economista disse que em razão do excesso da oferta mundial de aço, o setor se mostra com baixo nível de utilização da capacidade e, por isso, a perspectiva de investimentos sofre retração. O mapeamento feito pelo BNDES em relação ao setor sucroenergético não encontrou projetos significativos. "Algumas empresas têm nível de endividamento elevado e estão em um momento de contenção e de redução da alavancagem", explicou.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-05/bndes-investimentos-na-economia-brasileira-entre-2013-e-2016-aumentarao-29>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Internacional

Líderes políticos latino-americanos e do Caribe lamentam morte de Chávez

Renata Giraldi*, Repórter da Agência Brasil

05/03/2013 - 21h51

Brasília – Líderes políticos latino-americanos e do Caribe lamentaram hoje (5) a morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, enviando mensagens por meio de redes sociais, como Twitter, em discursos e por suas assessorias. Amigos de Chávez, como os presidentes do Equador, Rafael Correa, e do Peru, Ollanta Humala, não esconderam a dor.

"Adeus comandante e amigo Hugo Chávez", escreveu Humala, na sua conta no Twitter. "Minhas sinceras condolências à sua família e todo o povo venezuelano".

Correa disse que a morte de Chávez deixava uma lacuna. "[O governo do Equador] se solidariza com esta perda irreparável para lamentar o povo venezuelano e da região", disse o presidente do Equador, em nota, divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores.

O governo da Argentina suspendeu todas as atividades hoje em memória de Chávez. A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, cancelou a cerimônia em que distribuiria 13 milhões de livros.

O presidente do México, Enrique Peña Nieto, usou o Twitter para lamentar a morte do amigo. "Lamento a morte do presidente Hugo Chávez. Minhas profundas condolências à sua família e ao povo venezuelano", disse ele.

O presidente do Haiti, Michel Martelly, também enviou mensagem usando a rede social Twitter. "Eu quero transmitir, em nome do povo haitiano, as minhas sinceras condolências ao povo venezuelano", disse.

Chávez morreu às 16h47 (horário de Caracas). A morte dele foi confirmada em pronunciamento pelo vice-presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. Chávez estava em tratamento para o combate de um câncer há cerca de 20 meses.

*Com informações da agência pública de notícias da Venezuela, AVN

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-05/lideres-politicos-latino-americanos-e-do-caribe-lamentam-morte-de-chavez>

Patriota diz que Chávez deixa marca da liderança e da integração regional

Renata Giraldi, Repórter da Agência Brasil

05/03/2013 - 21h16

Brasília – O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, disse hoje (5) que o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, deixará como legado o exemplo de liderança e do esforço em ampliar os vínculos com o Brasil. Por intermédio de sua assessoria, Patriota lamentou a morte de Chávez e enviou mensagem de solidariedade à população e ao governo venezuelanos.

"A Venezuela, sob a liderança do presidente Chávez, viveu processo sem precedente histórico de aproximação com o Brasil", disse o chanceler. "O presidente Chávez será lembrado como o líder venezuelano que maiores vínculos teve com o Brasil e que maior contribuição deu aos esforços de integração regional. Sob sua Presidência, a Venezuela tornou-se parceiro estratégico do Brasil e sócio pleno do Mercosul."

Patriota soube da morte de Chávez ao ouvir o pronunciamento do vice-presidente venezuelano, Nicolás Maduro, na televisão. No pronunciamento, Maduro informou que Chávez morreu às 16h47 (horário de Caracas). O chanceler brasileiro conversou com o embaixador do Brasil na Venezuela, José Antonio Marcondes de Carvalho, e também com o embaixador da Venezuela no Brasil, Maximilien Arveláiz.

A presidente Dilma Rousseff e o chanceler cancelaram a viagem, marcada para quinta-feira (7), para El Calafate, na Patagônia, na Argentina. Assessores da Presidência da República e do Itamaraty informaram que Dilma e Patriota aguardam informações do governo venezuelano sobre o velório e o enterro de Chávez.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-05/patriota-diz-que-chavez-deixa-marca-da-lideranca-e-da-integracao-regional>

PRENSA LATINA

<http://www.prensalatina.com.br/>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Países da ALBA são um grande legado do presidente Chávez

Panamá, 5 mar (Prensa Latina) A Aliança Bolivariana para os povos da Nossa América (Alba), promovida pelo presidente Hugo Chávez, é um dos grandes legados que deixa o líder bolivariano a esta e outras gerações, disse o presidente do Parlatino, Elías Castillo.

O também deputado panamenho pelo Partido Revolucionário Democrático expressou que Chávez levantou alto a bandeira bolivariana e a defendeu com todas suas forças demonstrando nas urnas e na vida sua sólida liderança.

Lembrou da extraordinária campanha que realizou no ano passado apesar de sua doença e a grande vitória obtida que, agregou, não foi casual, pois nas eleições estaduais, já sem estar fisicamente presente na Venezuela, seu partido conseguiu uma vitória devastadora.

O Partido Socialista Unido da Venezuela, disse, arrasou em quase todos os estados e conseguiu vencer inclusive naqueles que nunca estiveram em mãos bolivarianas.

Tudo isso fala muito a favor de Chávez, de sua indiscutível liderança, e da grande acolhida e influência entre a população de seu pensamento e de sua atuação política, acrescentou.

Chávez, disse o presidente do Parlatino, desenvolveu um árduo trabalho pela integração dos povos latino-americanos e caribenhos e desse ponto de vista há que avaliar e concluir que foi um grande líder dos povos da região.

tgj/lma/cc - Modificado el (miércoles, 06 de marzo de 2013)

Fonte:

http://www.prensalatina.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1176341&Itemid=1

Aladi analisa laços da Ásia-América Latina e Caribe

Montevidéu, 5 mar (Prensa Latina) Especialistas analisarão aqui as crescentes relações do Japão e da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) com América Latina e o Caribe.

Carlos Álvarez, secretário geral da Associação da América Latina de Integração (Aladi), inaugurará na quinta-feira um seminário sobre o tema, com a participação de estudiosos dos vínculos comerciais e econômicos entre ambas as regiões.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Entre os oradores figura Mikio Kuwayama, professor do departamento de Política global da Faculdade de Direito da universidade japonesa de Hosei.

Assim mesmo, Ignacio Bartesaghi, coordenador do Observatório América Latina-Ásia Pacífico, e Roberto Urmeneta, oficial de Assuntos Econômicos da divisão de Comércio Internacional e Integração (Cepal).

Segundo informou hoje a Aladi, também participará o embaixador do Japão no Uruguai, Katsuhiro Matsumoto.

rc/jl/bj

Fonte:

http://www.prensalatina.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1174231&Itemid=1

Promotoria boliviana acerta detalhes para extradição de ex-presidente

La Paz, 5 mar (Prensa Latina) Bolívia remeterá ao Supremo Tribunal de Justiça os fundamentos da acusação contra o ex-presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, a fim de tramitar sua extradição destacou hoje o Promotor Geral, Ramiro Guerra.

Acreditamos que em algumas semanas possamos apresentar esta nova solicitação, afirmou Guerreiro na cidade de Sucre, capital constitucional de Bolívia, sul do país, em declarações publicadas pelo jornal La Razón.

Explicou que o envio desse documento enfrenta dificuldades orçamentárias, pois é necessário cobrir os custos da tradução oficial do expediente, o que será acertado entre a Promotoria Geral da Bolívia e a Chancelaria em uma reunião na quinta-feira.

Em setembro de 2012, o Governo dos Estados Unidos rechaçou o pedido para extraditar Sánchez de Lozada, feito em 2008 pelo governo e justiça bolivianos, além dos ex-ministros Carlos Sánchez Berzaín e Jorge Berindoague, porque observou uma incompatibilidade nas legislações dos dois países com relação aos delitos pelos quais são procurados.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Gonzalo Sánchez de Lozada, conhecido como "Goni", é o principal responsável pelo massacre de outubro de 2003, também chamado de guerra do gás, que deixou 67 mortos e mais de 400 feridos.

O ex-presidente abandonou o país com rumo aos Estados Unidos, depois da revolta popular que exigiu sua renúncia e se opôs à venda de gás ao Chile e à nação do norte.

A Bolívia exigiu a entrega dessas pessoas para que assumam sua defesa no país pelos crimes de massacre, humilhações e torturas.

O promotor geral Guerreiro anunciou nesta segunda-feira que antes de concluírem o memorial de extradição, se reunirá na próxima semana com os familiares das vítimas e seus advogados para escutar suas sugestões.

Na reunião da quinta-feira com a Chancelaria, está prevista uma decisão sobre a contratação de um escritório de advogados nos Estados Unidos, para que acompanhe a solicitação de extradição, tal como aconteceu quando do primeiro pedido.

Há alguns dias o promotor superior, Orlando Riveros, revelou que a segunda solicitação de extradição se diferencia da primeira pela redução da quantidade de delitos pelos quais é pedida a extradição e, em um segundo aspecto, nos temas de ordem processual e as provas são aprofundadas.

Segundo os tratados e convênios internacionais e as leis bolivianas, a Promotoria Geral do Estado proporá o pedido de extradição e remeterá o caso à Sala Plena do Supremo Tribunal de Justiça.

Esta instância deverá emitir uma carta com um pedido da Chancelaria boliviana dirigido às autoridades judiciais estadunidenses.

rmh/dpg/es - Modificado el (martes, 05 de marzo de 2013)

Fonte:

http://www.prensalatina.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1172641&Itemid=1

Argentina

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

<http://www.telam.com.ar>

Mundo

LA MUERTE DE CHÁVEZ

Tras la muerte de Chávez, asumirá Nicolás Maduro y convocará a elecciones

El vicepresidente de Venezuela asumirá la Presidencia tras el fallecimiento del líder bolivariano y convocará a elecciones dentro de los 30 días consecutivos.

La elección será para escoger a quien deberá completar el mandato de seis años iniciado el 10 de enero pasado, confirmó el canciller, Elías Jaua.

"Ahora se ha producido una falta absoluta, asume el vicepresidente de la República como presidente y se convoca a elecciones en los próximos 30 días, es el mandato que nos dio el comandante presidente Hugo Chávez el pasado 8 de diciembre", dijo Jaua anoche al canal Telesur y reprodujo la agencia noticiosa EFE.

Maduro no tendrá impedimento constitucional para postularse mientras esté interinamente a cargo del Poder EjecutivoPor otra parte, Maduro no tendrá impedimento constitucional para postularse - el propio Chávez lo ungió públicamente en diciembre pasado como su sucesor- mientras esté interinamente a cargo del Poder Ejecutivo.

El artículo 233 de la Constitución dispone que si la "falta absoluta" del presidente "se produce durante los primeros cuatro años del período constitucional, se procederá a una nueva elección universal, directa y secreta dentro de los treinta días consecutivos siguientes".

"Mientras se elige y toma posesión el nuevo presidente o la nueva presidenta, se encargará de la Presidencia de la República el vicepresidente ejecutivo o la vicepresidenta ejecutiva", agrega, según puede leerse en el texto de la carta magna disponible en el sitio web del Tribunal Supremo de Justicia (TSJ).

El TSJ determinó el 9 de enero pasado que no era necesario que Chávez jurara indefectiblemente al día siguiente "en virtud de no existir interrupción del ejercicio" y advirtió que la falta de esa formalidad "no impide la continuidad del gobierno y que se inicie un nuevo período presidencial".

Por otra parte, el artículo 229 de la Constitución impide ser elegido presidente a "quien esté de ejercicio" del cargo de vicepresidente ejecutivo, ministro, gobernador o alcalde en el momento de su postulación o en cualquier momento entre esta fecha y la de la elección.

Esa restricción no alcanzará a Maduro, quien, a efectos de las próximas elecciones presidenciales, estará "de ejercicio" del cargo de presidente.

El 8 de diciembre pasado, al anunciar que debería someterse a una nueva cirugía por el cáncer que padecía, Chávez indicó que "si algo ocurriera" que lo inhabilitara, su "opinión" era que sus simpatizantes eligieran a Maduro "como presidente".

"Si se presenta una circunstancia sobrevenida, que me inhabilite para continuar al frente de la Presidencia, bien sea para terminar el mandato que quedan pocos días, y sobre todo para asumir el nuevo período para el cual fui electo por la mayoría del ustedes, si algo ocurriera que me inhabilitara, en ese escenario en que sería obligatorio convocar nuevas elecciones, mi opinión es que ustedes elijan a Nicolás Maduro como presidente", señaló Chávez aquella noche.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9526-confirman-que-asumira-nicolas-maduro-y-convocara-a-elecciones.html>

VENEZUELA

Maduro: de chofer del metro de Caracas a sucesor de Chávez

De 50 años, Nicolás Maduro llevaba seis años como jefe de la diplomacia venezolana cuando, a poco de ganar una nueva reelección, en octubre pasado, Chávez le sumó el cargo de vicepresidente, lo que terminaba de darle el cartel de "hombre fuerte" del oficialismo.

05.03.2013 - 23:27

En la noche del 8 de diciembre, Chávez pidió a los venezolanos que si su enfermedad lo alejaba del cargo, respaldaran a Maduro en eventuales elecciones como candidato del gobernante Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV).

Caraqueño, nacido en 1962, Maduro fue en sus años de estudiante militante del maoísmo y chofer del Metro de la capital venezolana, desde donde llegó al liderazgo sindical en los 90.

Conoció a Chávez mientras el ahora mandatario estaba preso en la cárcel de Yare por la fallida

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

revuelta popular de febrero de 1992, porque su esposa, la abogada y actual procuradora del país, Cilia Flores, fue una de las encargadas de luchar por su liberación.

Fue uno de los fundadores del Movimiento V República (MVR), que luego derivó en el PSUV, y resultó elegido diputado en 2000 tras haber participado en la redacción de la nueva Constitución de 1999.

Sin formación universitaria, en enero de 2006 fue designado presidente del Parlamento, pero en agosto se mudó al Ministerio de Relaciones Exteriores, donde se convirtió en el ministro más duradero de la era Chávez.

Considerado por los analistas y medios caraqueños un "cuadro" del oficialismo, al ungirlo como sucesor, algunos aseguran que Chávez laudó sobre una pulseada en la que el canciller dejó atrás al titular de la Asamblea Nacional, Diosdado Cabello; al ministro de Interior, Tareck El Aissami; y hasta a Adán Chávez, gobernador de Barinas y hermano mayor del presidente.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9515-de-chofer-del-metro-de-caracas-a-sucessor-de-chavez.html>

LA MUERTE DE CHÁVEZ

Mandatarios y gobiernos del mundo se hacen eco de la muerte de Chávez

La noticia del fallecimiento del presidente venezolano sorprendió por la noche o ya entrada la madrugada en buena parte del planeta. Hoy comenzaron a conocerse las reacciones de los distintos mandatarios y gobiernos.

Así, el presidente ruso, Vladimir Putin, calificó a Chávez como un "extraordinario líder" y "gran amigo de Rusia".

"Era un hombre extraordinario, fuerte, que miraba hacia el futuro y que siempre se fijó las más altas metas", destacó Putin, según un comunicado difundido por el Kremlin.

El gobierno chino, por su parte, calificó a Chávez como "un gran líder de Venezuela y amigo del pueblo chino".

"Durante su mandato hizo una importante contribución a las relaciones de amistad y cooperación entre China y Venezuela", expresó la portavoz del Ministerio de Asuntos Exteriores chino, Hua Chunying, en una rueda de prensa en Beijing.

Asimismo, el ministro de Exteriores de Alemania, Guido Westerwelle, afirmó que la muerte de Chávez "supone un profundo cambio para Venezuela. Compartimos el dolor de la familia del fallecido y el duelo del pueblo venezolano".

El jefe del Gobierno español, Mariano Rajoy, situó a Chávez como "una de las figuras más influyentes de la historia contemporánea" en el país latinoamericano, según informa la agencia de noticias DPA.

El líder conservador español manifestó, además, "en estos momentos de duelo" la voluntad de su gobierno de seguir trabajando con el país latinoamericano "en el fortalecimiento de los vínculos bilaterales" y en las relaciones "de profunda amistad" entre los dos países.

El jefe de Relaciones Internacionales del movimiento Al Fatah y asesor presidencial palestino, Nabil Shaat, expresó las "profundas condolencias" de Palestina por la muerte de "un amigo leal".

"Palestina dice adiós a un amigo leal que defendió apasionadamente nuestro derecho a la libertad y a la autodeterminación. Su contribución a la causa de la dignidad no tenía fronteras y alcanzó los corazones y mentes del mundo árabe", dijo Shaat en un comunicado.

El primer ministro indio, Manmohan Singh, calificó a Chávez como "líder carismático" que luchó por la "justicia social", a través de su cuenta en la red social Twitter, según informa la agencia de noticias EFE.

En igual línea, el presidente sudafricano, Jacob Zuma, dijo que el mandatario venezolano fue un "revolucionario" y "visionario".

"Nuestros corazones están con la familia del presidente Chávez en este momento difícil de luto por la marcha de este respetado líder de Venezuela y, de hecho, de toda la familia progresista de naciones", dijo Zuma en un comunicado oficial.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9536-mandatarios-y-gobiernos-del-mundo-se-hacen-eco-de-la-muerte-de-chavez.html>

Venezuela

LA MUERTE DE HUGO CHÁVEZ

Un líder regional que pasó de socio a amigo de la Argentina

La relación del fallecido mandatario venezolano con la Argentina se acrecentó notablemente a partir de mayo de 2003, con la asunción de Néstor Kirchner como presidente de la Nación, lo que lo convirtió en una figura vastamente popular y querida en el país.

05.03.2013 - 20:16

A lo largo de su gestión como presidente de Venezuela, Chávez alcanzó infinidad de acuerdos de toda índole con la Argentina, y fue también beneficiario de la propia obra de integración latinoamericana que ayudó a construir cuando Kirchner, recién establecido como secretario general de la Unasur, intervino con éxito para evitar un choque diplomático entre Venezuela y Colombia.

La estrecha relación que el líder bolivariano entabló con el matrimonio Kirchner creció año a año y trascendió el plano político institucional para llegar al afecto personal, a punto tal que Chávez fue el único presidente extranjero que acompañó a la presidenta Cristina Fernández hasta Río Gallegos para trasladar los restos de su esposo, en octubre de 2010.

El 26 de mayo de 2003, cuando Kirchner llevaba un día a cargo del gobierno argentino, Chávez - que había asistido a su asunción- se manifestó "optimista" por la etapa política que se iniciaba en el país y propuso la creación de un bloque sudamericano que, años más tarde, se iba a consolidar en la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur).

Las crónicas de archivo recogen por esos años gran cantidad de reuniones y firmas de acuerdos bilaterales en actos muy poco protocolares en los que se apreciaba un clima de distensión y surgían de parte de ambos presidentes presagios de más y mejores relaciones diplomáticas, con planes concretos que contemplaban la creación de emprendimientos productivos regionales.

La búsqueda de soluciones para los problemas de cada uno acercó también los planes de cooperación: Venezuela producía combustible en exceso y se lo vendía a la Argentina, que lo necesitaba, y nuestro país hacía lo propio con los alimentos, tan necesarios para la realidad económica y social venezolana.

En julio de 2004, Kirchner y Chávez anunciaron en Ensenada que el Astillero Naval de Río Santiago se iba a dedicar a la construcción y refacción de buques petroleros para la empresa venezolana

PDVSA, en un recordado acto celebrado ante los trabajadores de la empresa argentina: una nueva forma de cooperación se ponía en marcha.

Sin dudas, uno de los puntos más altos en cuanto al impacto político que tuvo la cercana relación de Chávez con la Argentina fue la que se dio durante la IV Cumbre de las Américas, que deliberó en Mar del Plata el 4 y 5 de noviembre de 2005.

El temario oficial del encuentro estaba referido a "Crear Trabajo para Enfrentar la Pobreza y Fortalecer la Gobernabilidad Democrática", pero Chávez, Kirchner y otros mandatarios latinoamericanos, con el aporte de personalidades argentinas como Diego Maradona o Adolfo Pérez Esquivel, intervinieron también en una cumbre paralela que se opuso terminantemente a la iniciativa estadounidense del Área de Libre Comercio de las Américas (ALCA).

"Alca... ial carajo!", fue la consigna impulsada con su personal estilo y pasión por el líder bolivariano, aclamado en esa oportunidad por sus propios colegas, artistas de la talla de Silvio Rodríguez y Manu Chao y el público, identificado por su adhesión al gobierno de Kirchner y a partidos de izquierda.

En marzo de 2007, Chávez tuvo otra experiencia de acercamiento al pueblo argentino, al hablar en un acto en el estadio de Ferro Carril Oeste en el que celebró los acuerdos alcanzados con Kirchner y calificó de "cadaver político" al entonces presidente de EEUU, George Bush. El "Alca... ial carajo!" volvió a tronar en la voz del venezolano y de los miles de asistentes al acto.

En diciembre de ese mismo año, avanzó en sus planes y en una reunión con intelectuales argentinos en Buenos Aires llamó a convocar "una Internacional de la resistencia", desde la que pueda "recuperarse el rumbo, iluminar con antorchas y retomar el camino hacia la utopía".

"Soy peronista", proclamó Chávez en agosto de 2008 en un acto junto a la presidenta Cristina Fernández y el por entonces titular del Partido Justicialista, Néstor Kirchner, en Almirante Brown.

La aseveración tenía un claro sentido: era su apoyo a la mandataria, a quien elogió por "resistir los embates de la oligarquía", luego de la crisis con las organizaciones agrarias por la Resolución 125.

En marzo de 2011, tuvo lugar uno de los últimos grandes acuerdos que Chávez firmó con la Argentina, dado que tres meses después comenzó su tratamiento médico por el primer tumor cancerígeno que le extirparon en la zona de la ingle.

Se trató de un convenio que dio inicio a la construcción de 16 barcazas en el astillero naval Tandanor destinadas a la petrolera estatal venezolana, PDVSA.

Al hablar durante aquel acto, desarrollado en Tandanor, en la Costanera porteña, Cristina afirmó que estos son "grandes acuerdos" que se fundan "en acuerdos previos, convicciones y otras situaciones geopolíticas que hemos sabido construir en estos años los americanos del Sur".

Construcción en la cual Chávez y el matrimonio Kirchner habían tenido una participación fundamental.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9494-un-lider-regional-que-paso-de-socio-a-amigo-de-la-argentina.html>

Economía

Producción - industria automotriz

MÁS AUTOS NACIONALES

La producción nacional de autos ascendió en febrero un 20%

Alcanzó durante febrero 52.911 unidades, lo que representó un crecimiento del 20,1 por ciento respecto de enero pasado y una caída del 2,3 por ciento en comparación con igual mes de 2012.

05.03.2013 - 18:01

El informe de la Asociación de Fábricas de Automotores (Adefa), también indicó que en el acumulado del primer bimestre la producción nacional fue de 96.972 unidades, con un avance de 0,8 por ciento respecto del volumen del mismo período del año pasado.

Las terminales argumentaron que factores estacionales como paradas por vacaciones y tareas de mantenimiento y mejoras en las plantas en varias automotrices influyeron en los volúmenes registrados, fundamentalmente en producción y exportación.

El informe difundido hoy dio cuenta que en el segundo mes del año, la producción nacional de vehículos se ubicó en 52.911 unidades, un 20,1 por ciento más respecto de enero y una baja de 2,3 por ciento respecto a febrero de 2012.

El sector exportó 24.646 unidades, es decir una mejora de 1,9 por ciento respecto del mes anterior, y un retroceso de 15,3 por ciento en su comparación con febrero de 2012.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Adefa informó además, que las ventas a concesionarios se ubicaron en las 67.696 unidades, es decir un 16,6 por ciento más respecto de enero y 6 por ciento arriba de lo registrado en el mismo mes del año anterior.

Con 15 días hábiles, las terminales que operan en la Argentina registraron una cadencia diaria de 3.112 unidades durante febrero, frente a las 2.850 que se produjeron en igual mes del año pasado.

El factor estacionalidad también influyó en los volúmenes de exportación, ya que la industria que cerró 2012 con un volumen de envíos del orden de los 11.000 millones de dólares, exportó en febrero 24.646 vehículos y en el acumulado del primer bimestre 48.841 unidades.

En el ítem ventas mayoristas, el sector comercializó 67.696 unidades en febrero y un total de 125.766 unidades en el período enero-febrero de 2013.

Este crecimiento de ventas mayoristas viene acompañado por el aumento de participación de las unidades producidas en el país que acumulan al momento un avance del 7,7 por ciento respecto de 2012 y reflejan que sumado a la producción, el sector acompaña los niveles de demanda sostenida que registra el mercado doméstico.

El presidente de la Asociación de Fábricas de Automotores (Adefa), Cristiano Rattazzi, reiteró que hay que "aguardar al cierre del primer trimestre para tener un panorama más certero sobre el comportamiento del año".

A pesar de la cautela, el directivo resaltó que "las estimaciones continúan orientadas a que se podrían recuperar los niveles de 2011 en las tres principales variables de la industria sin perder de vista la incidencia que tiene las negociaciones que se están llevando a cabo con Brasil para definir la nueva Política Automotriz Mercosur (PAM)".

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9477-la-produccion-nacional-de-autos-ascendio-en-febrero-un-20.html>

PÁGINA/12

<http://pagina12.com.ar>

Mundo

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A LOS 58 AÑOS, FALLECIO EL PRESIDENTE DE VENEZUELA, HUGO CHAVEZ, TRAS UNA LARGA BATALLA CONTRA EL CANCER

El líder que encarnó la Revolución Bolivariana

Desde su niñez en Barinas hasta la academia militar, el golpe fallido que encabezó, su llegada a la presidencia, el intento de golpe sufrido, las peleas con EE.UU., la integración regional, las reelecciones y reformas: una vida memorable.

Por Mercedes López San Miguel

El presidente venezolano Hugo Chávez murió ayer, después de darle pelea a un cáncer que se le detectó en 2011. Eran las siete de la tarde en la Argentina cuando el vicepresidente venezolano Nicolás Maduro informó la noticia más dura y trágica para él, según sus propias palabras. "A las 16.25 de la tarde de hoy, 5 de marzo, ha fallecido nuestro comandante presidente Hugo Chávez Frías luego de batallar duramente con una enfermedad casi dos años", dijo Maduro con ojos vidriosos y la voz entrecortada. La muerte del líder venezolano deja al país a las puertas de una elección anticipada, al chavismo ante el reto de cumplir el sueño de Chávez de que continúen encendidos los motores de la Revolución Bolivariana y a la oposición ante el desafío de superar las derrotas electorales del 7 de octubre –cuando Chávez ganó las presidenciales– y del 16 de diciembre, cuando el oficialismo obtuvo 20 de las 23 gobernaciones.

- - -

La noche del 6 de diciembre de 1998 Hugo Chávez cumplía un sueño que desde hacía tiempo venía madurando en su interior: a sus 44 años era elegido presidente con la promesa de lograr una Venezuela sin pobres. Esa noche, la mayoría de los venezolanos llevó al poder a un debutante de la política electoral y castigó a los partidos tradicionales Acción Democrática y Copei. Esa noche, un ex militar recordaba que el Estado arrastraba una deuda histórica con los excluidos y se proponía saldarla. Y Chávez regresó como líder a la tierra que lo vio nacer, el 28 de julio de 1954. Sabaneta de Barinas era una fiesta y Huguito, el hijo del maestro, el muchachito delgado, prometía cumplir los idearios de Simón Bolívar.

Seis años antes, el 4 de febrero de 1992, Chávez había liderado un grupo de trescientos paracaidistas de boinas rojas en un golpe frustrado contra el entonces presidente, Carlos Andrés Pérez. Chávez se rindió con la condición de poder dirigirse al pueblo por televisión. Dijo una frase que quedó grabada en la historia: "No logramos los objetivos... por ahora". Por el levantamiento militar acabó preso y dos años después el gobierno de Rafael Caldera lo indultó. Pero tuvo que abandonar el uniforme, él que con 21 años se había recibido de subteniente, había estudiado

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Ciencias y Artes Militares en el área de ingeniería y había logrado alcanzar el máximo grado de teniente coronel.

En el salto a la política, Chávez creó el Movimiento Bolivariano Revolucionario, con el que en 1997 decidió presentarse a las elecciones. Sus lemas de entonces fueron: "Por la Asamblea Constituyente, Contra la corrupción, Por la defensa de las prestaciones sociales, Gobierno bolivariano ahora". Chávez llegó a la presidencia con el mayoritario voto de los pobres, las clases medias empobrecidas y los eternos excluidos, promoviéndose como el líder que cambiaría el clásico sistema bipartidista que se alternó en el poder en Venezuela desde 1958. Un ex asesor suyo, Juan Carlos Monedero, lo describió ante Página/12 como "una persona muy comprometida con su pueblo, un pueblo que no tuvo cien años de soledad, tuvo quinientos".

De cuerpo macizo, rasgos indígenas y admirable facilidad de palabra, su figura es seguida por simpatizantes dentro y fuera de su país. Esa elocuencia puede tener que ver con su crianza en el pueblo de Sabaneta: sus padres eran maestros y de ellos aprendió a enseñar. "Chávez habría sido un comunicador de primer orden. Aquí, en el mundo de la televisión, del cine, no hay un tipo como él", dijo su ex jefe de campaña Alberto Muller Rojas en la biografía Hugo Chávez sin uniforme, escrita por Cristina Marcano y Alberto Barrera Tyszka. En su discurso siempre abundaron las citas de Simón Bolívar y otros próceres de la independencia como Ezequiel Zamora, siempre subrayó la necesidad de la integración latinoamericana y siempre se opuso al neoliberalismo en todas sus formas.

El proceso de cambio que encarnó Chávez desde 1998 apuntó a democratizar y redistribuir el ingreso petrolero. "Por allá, en los años '60, comenzaron a repartir tierras y títulos. No llegó a los campesinos el beneficio del petróleo. No puede ocurrir más: ése es uno de los principios de la Constitución Bolivariana y Revolucionaria", dijo Chávez en un discurso sosteniendo una Carta Magna tamaño miniatura. En un referéndum, la mayoría de los venezolanos aprobó la nueva constitución en 1999. Era la primera de una serie de consultas populares que el gobierno de Chávez ganaría.

Lo que sucedió en Venezuela entre el 11 y el 14 de abril de 2002 fue un punto de inflexión en la vida política del líder bolivariano: fracasó un golpe de Estado, la Fuerza Armada lo destituyó y restituyó en el cargo, hubo veinte muertos y más de 110 heridos. Chávez cree que fueron tres los disparadores de lo sucedido: la actitud de la embajada de Estados Unidos, alentando a la oposición venezolana, la aprobación de unas leyes que legislaban sobre recursos esenciales del país como hidrocarburos y tierras y la conformación de un grupo de militares que se alió con la oposición. Los autores de Chávez sin uniforme señalaron otro aspecto: la pelea de Chávez con los medios de comunicación. Grandes medios privados como VeneVisión, Radio Caracas TV (RCTV) y Globovisión

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

se destacaron por legitimar la ruptura democrática. A fines de 2002, Chávez también enfrentó y venció un paro petrolero que llevó al mínimo la producción de crudo.

A nivel latinoamericano, Chávez se lanzó a la política de integración. La Cumbre de Mar del Plata de 2005 resultó en un hito en la historia reciente por el contundente rechazo de los países de la región al Acuerdo de Libre Comercio de las Américas (ALCA), que proponía el republicano George W. Bush. "ALCA... al carajo" dijo Chávez a una entusiasta multitud, parado junto a su par boliviano Evo Morales. Al año siguiente, Chávez, con su habitual desparpajo, dijo desde el podio de la Asamblea General de la ONU que olía a "azufre", en alusión a que había estado allí Bush hijo. A esa altura su enemistad con Washington formaba parte de su retórica habitual.

Las misiones sociales impulsadas por el chavismo a partir de 2003, en estrecha alianza con Cuba, mejoraron la salud y la educación de los venezolanos y redujeron notablemente la pobreza. El concepto de socialismo del siglo XXI es una de las fases de la Revolución Bolivariana de mayor aceptación entre los seguidores del proceso de cambio. Fue en mayo de 2005 cuando Hugo Chávez anunció que se dirigía hacia la construcción de un socialismo. Durante ese período, la Asamblea Nacional, entonces monolítica dado que la oposición no se había presentado a las legislativas, aprobó leyes de nacionalización de todos los proyectos petroleros en el país.

El líder bolivariano, que la oposición tilda de antidemocrático, se presentó ante el electorado unas quince veces y sólo perdió en el referéndum de 2007 sobre la reforma constitucional. Ese año el gobierno no le renovó la licencia a Radio Caracas Televisión –RCTV– por violar la ley que regula el ejercicio del periodismo (Ley Resorte). A esa altura, su pelea con los grandes medios de comunicación se le había vuelto una obsesión.

Con el tiempo, la imagen de Chávez en su país pasó a ser casi omnipresente. Surgió otro sueño: el de trascender. "Es siempre cómodo para los ciudadanos elevar a un dirigente a la categoría de santo –afirma su otrora asesor, Monedero–. Esa condición de liderazgo orienta al país, refuerza conseguir que las cosas funcionen, pero también alimenta la pereza de la ciudadanía, que no asume su responsabilidad. El proceso no puede recaer en los hombros de una sola persona."

Eso se volvió más evidente cuando comenzó a tener problemas de salud. El 9 de mayo de 2011 suspendió una gira internacional por la región con el anuncio de que tenía una lesión en una rodilla. Al mes, retomó esa gira, pero nuevamente le surgieron otras afecciones por las que terminó pasando por el quirófano dos veces en Cuba: una para extraerle un absceso pélvico y otra para intervenirlo de un tumor en la pelvis.

Desde principios de 2012 Chávez siguió yendo a La Habana para realizarse un tratamiento de radioterapia al que debió someterse después de ser operado en febrero para que se le extrajera un nuevo tumor cancerígeno, recurrencia de la enfermedad. La poca información difundida sobre su estado de salud no hizo más que alimentar la morbosidad de los periodistas de los medios y blogs opositores, quienes anunciaban el peor de los pronósticos.

Pero la enfermedad no fue un impedimento para que Chávez continuara con la campaña para la reelección que le asegurara un nuevo período hasta 2020, año en el que alguna vez proyectó su retiro. Sus apariciones públicas no eran tan asiduas como lo eran las de su joven rival Henrique Capriles Radonski, candidato de una oposición que se presentó unida. Los medios de comunicación opositores tuvieron claro qué mensaje dar: mostraban a un Capriles vital, que recorría el país de punta a punta, frente a un candidato presidente que agonizaba. Sin embargo, Capriles no logró conectar con la mayoría de los venezolanos, sobre todo las clases bajas, y el 7 de octubre Chávez volvió a ganar con la promesa de profundizar el proceso revolucionario.

Sin embargo, dos meses después debió viajar otra vez a La Habana para realizarse un tratamiento hiperbárico. Y regresó a los pocos días con el anuncio menos esperado por el 55 por ciento de venezolanos que lo votó: dijo que era imprescindible volver a operarse porque habían reaparecido células malignas en la misma zona afectada. Más aún, admitió por primera vez que podría tener dificultades para continuar en el cargo y, al encomendarse a Dios, le pidió a su pueblo que en el caso de no estar, eligieran a Nicolás Maduro. "Se los pido de corazón", dijo.

La operación se realizó el 11 de diciembre y el gobierno anticipó que a Chávez le esperaba un proceso post-operatorio duro y complejo. Una semana después, el presidente padeció una infección respiratoria. Al mismo tiempo, los venezolanos se preguntaban si el presidente electo iba a poder asumir el nuevo mandato el 10 de enero. No fue posible. Poco después, el 18 de febrero, Chávez regresó a Caracas, para continuar con el tratamiento, pero su estado de salud no evolucionaba como se esperaba. En la noche del 4 de marzo, el gobierno informó que el líder bolivariano sufría una segunda infección respiratoria y su estado era "muy delicado". Menos de veinticuatro horas después, Maduro anunciaba su fallecimiento.

Nils Castro, escritor y ex asesor del general de Panamá Omar Torrijos, considera que Chávez tuvo la virtud de ser el primero que puso en marcha un proceso de cambio y aclara que ese proceso ya venía gestándose. "Chávez fue el primer dirigente outsider que confrontó el sistema. La alta popularidad le permitió llevar adelante un proceso de transformación. Ser el primero lo pone como un bicho raro: el que hizo lo que no se suponía. Pero no hay que confundir la personalidad con la legitimidad del proceso sociopolítico que se está dando, que ha venido desde antes de Chávez."

Nils ubica el antecedente de este proceso en el Caracazo, la imparable reacción popular a las medidas de ajuste decretadas por Carlos Andrés Pérez, en 1989. "Había un sistema político, que se agotó, que impedía cambios cuando la gente ya no estaba dispuesta a sostenerlo. Con el Caracazo comenzó a prepararse un proceso de protesta y reforma de la sociedad venezolana. Chávez no había entrado en escena todavía. El proceso es mayor que el individuo." Un individuo que cumplió muchos de sus sueños.

mercelopez@pagina12.com.ar

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215191-2013-03-06.html>

LA CONFIANZA DE CHAVEZ CON NESTOR Y CRISTINA KIRCHNER

Una relación consolidada por el No al ALCA

El trato entre Chávez y Néstor Kirchner, o también con Lula, Cristina y Dilma, daba para algún reproche privadísimo porque había un acuerdo fuerte de integración.

Por Martín Granovsky

Asumió antes que Néstor Kirchner y Luiz Inácio "Lula" da Silva, pero hizo falta que la Argentina y Brasil encarasen juntos la etapa posterior al desastre neoliberal para que Hugo Chávez quedase potenciado por los dos principales países de Su-damérica.

Chávez llegó al gobierno en febrero de 1999. Lula asumió el 1º de enero de 2003. Kirchner, el 25 de mayo de 2003. Aunque su presidencia, en buena medida, se debió al estallido económico del modelo de emirato petrolero, basado en la renta no repartida de un solo producto, y al estallido político del viejo sistema venezolano, y por lo tanto hay cierto parentesco con el "Que se vayan todos" de la Argentina de 2001, Chávez pasó sus primeros años en soledad. En la Argentina gobernaban primero Carlos Menem y Fernando de la Rúa. En Brasil, Fernando Henrique Cardoso. El rigor histórico debe constatar una diferencia en Eduardo Duhalde, quien era presidente cuando el empresario Pedro Carmona derrocó a Chávez en 2002. A la vez que criticó al venezolano por una supuesta "falta de habilidad para llevarse bien con la gente" y por "actitudes inamistosas con algunos de sus vecinos, lo que realmente enturbiaba la situación", Duhalde no dudó en calificar el movimiento como "un golpe de Estado". También dijo que no era "una buena noticia para América latina".

Luego de Fidel Castro, Chávez fue uno de los personajes extranjeros más populares en la asunción de Kirchner. Los dos construyeron de entrada una buena relación, de la que Cristina Fernández de Kirchner participó como senadora y asesora directa de su marido, y luego como Presidenta desde 2007. Igual que Evo Morales, Chávez solía hablar de Kirchner como de un "hermano mayor". Kirchner era de enero de 1950. Hoy tendría 63. Chávez, de julio de 1954. Murió antes de cumplir

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

59. Cristina, de 1953, acaba de cumplir 60. Con Lula, del 27 de octubre de 1945, la diferencia de edad era mayor.

Lo determinante en el acercamiento de todos ellos fue la sintonía sobre el pasado, el énfasis en la integración y la decisión de aproximarse por encima de las diferencias nacionales y personales, que ninguno diluyó en ningún momento.

La primera necesidad compartida fue salir de la crisis impuesta por el modelo neoliberal de desregulación y dependencia del endeudamiento y del capital externo.

La segunda fue acumular poder común de negociación en un mundo que abría oportunidades de crecimiento, por la valorización de las commodities provenientes de América latina, pero que bien podía cerrar esas oportunidades de un momento a otro.

La tercera, imaginar una región dotada no sólo de soja, petróleo o mineral de hierro, sino de condiciones de paz que pudieran otorgarle una ventaja comparativa en relación con las zonas más calientes del planeta.

Un ejemplo de la tercera necesidad fue la mediación que Néstor Kirchner emprendió como secretario de la Unión de Naciones Suramericanas en agosto de 2010, poco después de que Venezuela y Colombia rompieran relaciones y crecieran las amenazas de una guerra entre los dos países. Con fuerte apoyo de los presidentes de los dos países grandes, Lula y Cristina Fernández de Kirchner, el ex presidente argentino logró la confianza suficiente en el colombiano Juan Manuel Santos como para que los Estados belicosos volvieran a enviarse embajadores. Lo ayudó en esa tarea su mano derecha para las negociaciones en América latina, Rafael Follonier, que trata personalmente a todos los líderes de la región y a menudo a sus segundas líneas. También fue de la partida entonces el actual jefe de Gabinete, Juan Manuel Abal Medina.

La gran prueba que habían sorteado juntos Kirchner, Chávez y Lula databa de noviembre de 2005. El primer recuerdo que aparece revisando la memoria o los archivos es el de un acto en Mar del Plata contra la creación de un Área de Libre Comercio de las Américas (ALCA), donde además de Chávez participó, entre otros, Diego Maradona. Pero lo decisivo fue la determinación de la Argentina, Brasil y Venezuela de no aceptar que el ALCA quedara constituida en esa cumbre de Mar del Plata a la que asistió el presidente norteamericano George Bush acompañado en su meta de liberalización por su colega mexicano Vicente Fox.

Los presidentes de los países más grandes de Sudamérica no plantearon esa determinación como predominantemente ideológica, aunque tenía un componente de ese tipo, sino práctica: un ALCA

sería contradictorio con el objetivo de reindustrialización y corrimiento respecto de los organismos multilaterales de crédito que buscaban ya en 2005 tanto Brasil como la Argentina, y también Venezuela. Con esa visión sobre el futuro a evitar se movieron los negociadores técnicos del momento, el argentino Alfredo Chiaradía, viceministro económico, y el brasileño Adhemar Bahadian.

Como suele pasar en las relaciones internacionales, la base de la confianza personal se teje en los momentos de mayor tensión, cuando de verdad se juegan opciones capaces de alterar el futuro. Eso explica que cada cual jugara su juego y que hubiera espacio no sólo para las diferencias, sino para alguna reconvenCIÓN muy privada. Ante un discurso incendiario, Chávez podía escuchar sin ofuscarse frases como ésta de Kirchner: "Hugo, se te fue la mano, porque así nos jodés a todos". Lo aceptaba porque al mismo tiempo ni Kirchner ni Cristina Kirchner dudaron en agradecerle públicamente lo que creyeron oportuno –la asistencia financiera y energética de comienzos del gobierno– y porque ni ellos ni Lula, o Dilma Rousseff después, vacilaron en la decisión tomada según la que Chávez debía estar cerca y no lejos. A tal punto cerca que en 2012 Venezuela terminó incorporándose como miembro pleno del Mercosur.

Más allá o más acá de los Estados y sus instituciones, lo cierto es que los líderes políticos de cada país y las fuerzas gobernantes buscaron siempre un acercamiento que potenciara sus afinidades y les permitiera discutir con sinceridad las diferencias. Hacía tiempo que, en persona, Dilma y Cristina seguían las alternativas de la salud de Chávez, del mismo modo que se alegraron por la designación de Nicolás Maduro como vicepresidente. Ninguno de los dos Estados participará como tal de las próximas elecciones venezolanas, pero está claro dónde se ubica el corazón de cada uno.

martin.granovsky@gmail.com

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215205-2013-03-06.html>

Economia

BUEN NIVEL DE PRODUCCION, CAIDA DE EXPORTACIONES

Automotrices, pendientes de Brasil

La industria automotriz cerró el primer bimestre del año con un panorama similar al de 2012. La producción y las ventas se sostuvieron en niveles elevados, mientras que las exportaciones no lograron hacer pie. Este último dato no es menor, dado que las ventas al exterior equivalen a la mitad de la demanda total que tienen las automotrices. La clave en este caso es la evolución del mercado brasileño, adonde se prevé que en 2013 las compras de vehículos crecerán 2,6 por

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

ciento. La otra vía para mejorar la participación industrial en la cadena automotriz es conseguir mayor integración local de piezas y componentes. La ministra de Industria, Débora Giorgi, se reunió ayer con las terminales y con autopartistas para trabajar en esa dirección.

La Asociación de Fábricas de Automotores (Adefa) difundió los datos de febrero. Mostraron una caída de la producción del 2,3 por ciento contra igual mes de 2012 y un alza del 20,1 frente a enero pasado. Los despachos a concesionarios aumentaron 6 por ciento interanual y 16,6 frente al mes previo. Y las exportaciones retrocedieron 15,3 por ciento interanual y avanzaron 1,9 contra enero. Sin embargo, por la estacionalidad de las vacaciones, el análisis de los resultados corresponde hacerlo con los datos agregados del bimestre, dado que las automotrices toman vacaciones en distintos momentos durante el verano. De todos modos, la baja de la producción repercutirá en el índice de actividad industrial general, que ya en enero terminó sin variación.

Los resultados del bimestre fueron los siguientes en la comparación interanual: la producción creció 0,8 por ciento, las exportaciones bajaron 11,9 y los despachos a concesionarios disminuyeron 0,8. Como se indicó al comienzo, los niveles de producción y ventas al mercado interno están cerca de sus máximos históricos. La diferencia para alcanzar o no nuevos records de fabricación la harán las exportaciones. Las automotrices brasileñas estiman que en 2013 habrá un crecimiento de su mercado interno del 2,6 por ciento, para llegar a 3,7 millones de unidades. De todos modos, después habrá que ver cómo se abastece esa demanda. La Argentina necesita que el mayor crecimiento se dé en vehículos de gama media y alta, que son los de producción local. En el primer bimestre, sin embargo, las ventas en el país vecino crecieron 6,3 por ciento, pero las exportaciones desde la Argentina bajaron 11,9.

En valores absolutos, la producción de vehículos alcanzó a 52.911 unidades en febrero y a 96.972 en el bimestre. Las exportaciones totalizaron 24.646 y 48.841, respectivamente. Y los despachos a concesionarios se ubicaron en 67.696 y 125.766.

Frente a la expansión más acotada que registra la producción de las terminales, la estrategia del Gobierno pasa por elevar la participación de las autopartistas locales. Con un mayor nivel de integración de partes nacionales en los vehículos, el sector puede seguir incrementando con fuerza el número de empleos. No es una tarea fácil. La ministra Débora Giorgi viene manteniendo reuniones con terminales y autopartistas en pos de ese objetivo. Ayer estuvieron los potenciales proveedores de ejes y cardanes, todos en una misma mesa con la funcionaria y las automotrices.

Durante el encuentro, empresarios y representantes del ministerio relevaron distintas piezas que podrían nacionalizarse en el corto y mediano plazo, algunas de las cuales deben ser homologadas por el Instituto Nacional de Tecnología Industrial (INTI). Giorgi ofreció herramientas de

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

financiamiento para desarrollar nuevos proveedores o ampliar la capacidad de producción de los ya existentes.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/economia/2-215164-2013-03-06.html>

CLARÍN

www.clarin.com.ar

Mundo

Murió Hugo Chávez: El líder populista que marcó a la región, falleció a los 58 años

Lo anunció entre sollozos el vicepresidente Nicolás Maduro. Antes afirmó que el cáncer que sufrió el presidente le habría sido inoculado. Ordenaron 7 días de duelo. La ceremonia oficial, el viernes.

Hugo Chávez, uno de los mandatarios más controvertidos de Sudamérica y cabeza de un presidencialismo casi monárquico, murió ayer a las 16,25. El anuncio lo hizo entre sollozos en el hall del hospital militar el vicepresidente Nicolás Maduro, el hombre a quien Chávez había designado para sucederlo. Es el funcionario, que, se descuenta, se impondrá fácilmente en las elecciones que se deberá convocar los próximos 30 días y que deberían realizarse a partir del 6 de abril entrante.

La muerte del líder bolivariano, puso término a 14 años de un turbulento régimen con reelección permanente que logró control total del Congreso unicameral y del Tribunal Supremo, máxima instancia judicial. Chávez tenía 58 años.

"Hoy 5 de marzo ... nos dirigimos aquí, a las instalaciones del Hospital Militar de Caracas, a seguir la secuencia de salud de nuestro comandante presidente. En el momento en que nos encontrábamos recibimos la noticia más dura y trágica que podemos trasmisir: a las 4,25 ha fallecido el comandante presidente Chávez", dijo Maduro en un discurso difundido en cadena nacional. Habrá siete días de duelo nacional a partir de ayer. Durante tres días el pueblo podrá despedirse de su líder. El viernes será la ceremonia oficial con los dignatarios invitados.

Según la Constitución ahora debería asumir el poder el titular del Congreso unicameral Diosdado Cabello, quien tendrá a su cargo organizar las elecciones. Cabello, quien no estuvo en el anuncio, según Maduro debido a que acaba de perder a su madre, reapareció por la noche en la televisión sosteniendo que "tenemos que cargar las banderas de Chávez". Son conocidas en Venezuela las

diferencias entre el presidente del Congreso, un acaudalado pragmático ex militar con poder sobre las FF.AA., y el vicepresidente, un chavista a ultranza protegido por Cuba.

El mensaje de Maduro con la noticia del final del mandatario, se produjo apenas poco después de otro discurso en el cual este funcionario reveló que se formará una comisión de expertos para determinar si el cáncer que abatió a Chávez le fue inoculado por sus enemigos.

Maduro refirió como antecedente de esa sospecha el caso del líder palestino Yasser Arafat. Y aludió a EE.UU. sin acusar directamente. Pero los científicos oncólogos consultados por Clarín negaron que exista semejante posibilidad (ver pgna 5). En ese mismo discurso, el vicepresidente, cuyo cargo venció el 10 de enero cuando debió haber jurado Chávez por lo que ha venido gobernando de facto desde entonces, arremetió contra la oposición política y advirtió que se respetarán los derechos humanos pero “nosotros actuaremos. Nadie tiene inmunidad, quien viole la ley o conspire contra la patria, nos va a encontrar de frente. Sin miedo”.

El funcionario anunció, además, la expulsión inmediata del agregado militar de la embajada de EE.UU., David del Mónaco, a quien acusó de “actividades en contra de nuestro país”. Y explicó que el diplomático “buscaba militares activos para investigar la situación de las Fuerzas Armadas y proponerles proyectos desestabilizadores”. Venezuela no ha tenido un embajador de Estados Unidos desde julio de 2010.

El discurso pareció apuntar a justificar una eventual represión de las protestas de los universitarios en demanda de información creíble sobre Chávez quien no apareció en público desde que partió el 10 de diciembre a su cuarta operación por su cáncer en la pelvis. Pero también se buscaría imponer un límite preventivo ante el enojo que generó la devaluación del 32% del bolívar impuesta el 9 de febrero que agravó una inflación creciente de cerca de 3% en enero. Ese cuadro y el déficit fiscal de dos cifras, es el que heredará el próximo mandatario y que deberá enfrentar carente del carisma y liderazgo de Chávez. Es el escenario que alimenta una dura interna que no se ha zanjado en el poder.

Chávez fue reelegido por una amplia mayoría en octubre pasado para su cuarto mandato consecutivo. “Chávez Frías, (murió) luego de batallar duramente con una enfermedad por casi dos años con el amor del pueblo”, dijo Maduro. Minutos después el ministro de Defensa, Diego Molero, anunció un operativo militar para garantizar la seguridad. Y remarcó: “Nos encontramos cohesionados para hacer cumplir los preceptos constitucionales”.

Fonte: http://www.clarin.com/mundo/lider-populista-marco-region-fallecio_0_877712362.html

Paraguai

LA NACIÓN

www.lanacion.com.py

Política

Bolivia aplica sanciones económicas a Paraguay y suspende exportación del gas

El estudio de factibilidad de la alternativa de transporte de Gas Natural Licuado (GNL) fue impulsado por la alianza de países Urupabol.

La suspensión de Paraguay de la Unasur que se dio con el cambio de gobierno por el juicio político que destituyó a Fernando Lugo, ha tenido una serie de consecuencias negativas a nivel político y económico a lo que se suma el retraso de la integración de Urupabol (Alianza entre Uruguay, Paraguay y Bolivia) en el proyecto de exportación de gas.

Según el diario boliviano La Razón en su edición online, la conclusión y entrega de los resultados del estudio de factibilidad se postergaron al menos hasta abril, luego de las elecciones generales previstas en el Paraguay.

El viceministro de Desarrollo Energético, Franklin Molina, dijo a La Razón en marzo del 2010 que el estudio de factibilidad de la alternativa de transporte de Gas Natural Licuado (GNL) por la hidrovía Paraguay-Paraná —impulsado por la alianza de países Urupabol — había sido adjudicado al grupo consultor Energy Consulting Services-Tractebel Enginnering (ECS-TE). Se informó también que este estudio previo tendría su conclusión en no más de “seis meses”, es decir, hasta agosto del 2012.

Pero esta fecha límite fue postergándose tras la destitución de la Presidencia de la República de Fernando Lugo vía juicio político. El gobierno de Evo Morales es uno de los que no reconoce la legitimidad del primer mandatario Federico Franco pues considera su presidencia producto de “un golpe de Estado”.

Pese que el 4 de febrero de este año Molina informó que dicho estudio presentaba “un avance del 90%” y que estaría concluido a finales de febrero, esta fecha ahora pasó para abril, luego de los comicios presidenciales en Paraguay.

De acuerdo al Ministerio de Hidrocarburos y Energía (MHE), este estudio de factibilidad sigue “en su fase final” y “estará concluido en abril”, “luego de que la elección de un nuevo gobierno

democrático en Paraguay permita levantar la sanción que los bloques Unasur y Mercosur (Mercado Común del Sur) determinaron para ese Estado”, indicaron a este medio fuentes del Ejecutivo.

Mientras, la Comisión Técnica Trinacional, que realiza seguimiento al proyecto, se reúne sin la presencia de los representantes paraguayos.

El periódico La Razón también reveló que YPFB Corporación ya adjudicó el contrato para la construcción y puesta en marcha de la planta de GNL en Río Grande (Santa Cruz) a las empresas españolas Sener Ingeniería y Sistemas y a Ros Roca Indox Cryo Energy SL.

Comentar

Fonte: <http://www.lanacion.com.py/articulo/115524-bolivia-aplica-sanciones-economicas-a-paraguay-y-suspende-exportacion-del-gas.html>

Uruguai

LARED21

<http://www lr21 com uy>

Mundo

Murió el presidente de Venezuela Hugo Chávez; América Latina estremecida por la desaparición de líder bolivariano, tras su batalla épica por la vida

El presidente de Venezuela, Hugo Chávez, murió este martes en Caracas, anunció el vicepresidente Nicolás Maduro en cadena nacional.

“Recibimos la información más dura y trágica que podamos transmitir a nuestro pueblo. A las 04H25 de la tarde (20H55 GMT) de hoy 5 de marzo ha fallecido nuestro comandante presidente Hugo Chávez Frías”, dijo Maduro.

Hizo historia

Chávez había regresado de La Habana el 18 de febrero, sin ser visto ni oído, después de haber sido operado el 11 de diciembre por cuarta vez de un cáncer, cuya naturaleza y detalles nunca se dieron a conocer.

Durante todo este periodo de incertidumbre, los venezolanos sólo vieron del otrora omnipresente presidente unas fotografías en las que aparecía consciente en su cama del hospital cubano,

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

rodeado de dos de sus hijas. La última vez que lo escucharon fue el 10 de diciembre, cuando, al partir a Cuba, se despidió con un “¡Hasta la vida siempre!” en el aeropuerto internacional.

Líder absoluto del Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV), Chávez había sido reelegido holgadamente el 7 de octubre por tercera vez desde que asumió el poder en 1999, y su toma de posesión, prevista el 10 de enero en la Asamblea Nacional, había sido aplazada sine die.

A pesar de que el cáncer le fue diagnosticado en junio de 2011, el mandatario recién definió su sucesión en diciembre pasado, obligado por la enfermedad.

Maduro, ex sindicalista del Metro de Caracas, afronta el reto de reemplazar a un presidente carismático y dicharachero, que concentró y personificó el poder y estableció un vínculo casi espiritual con las clases populares, su base electoral.

Chávez, que proyectó gobernar hasta 2031, aspiraba a profundizar su proyecto socialista en este país con las mayores reservas de petróleo del mundo pero aún con amplios sectores en la pobreza. Con las misiones sociales, una de las claves de su gran popularidad, ayudó a cubrir las necesidades básicas de las clases populares, pese a ser tachado de populista por sus adversarios.

Chávez, cuyo partido controla además el Parlamento y la mayoría de gobernaciones y alcaldías, e hizo marcar el paso al poder judicial, nunca reconoció legitimidad a la oposición, ni se mostró pluralista o partidario de la alternancia en el poder.

Ejerció además un control absoluto de los medios de comunicación públicos, desde los que gobernó y se hizo omnipresente en la vida de los venezolanos. Usó y abusó de las cadenas obligatorias, en las que todos los medios del país debían transmitir sus alocuciones.

Con su don de la palabra y su discurso irreverente, el mandatario no dejó a nadie indiferente. Mientras se ganó la devoción de los pobres, fue insultante y despectivo con sus adversarios políticos, “la burguesía y el imperialismo”, polarizando a la sociedad venezolana, hoy literalmente partida en dos.

A medida que la enfermedad fue avanzando, las invocaciones a Dios y a Jesucristo se multiplicaron en boca de Chávez, quien llegó a rogarle al Señor, con lágrimas en los ojos, que “no se lo llevara todavía”.

Fue un presidente hiperactivo, hasta que la enfermedad le obligó a dejar de ser un “caballo desbocado”, como él mismo reconoció, y en los últimos meses redujo sus apariciones y discursos.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Se trató casi exclusivamente en Cuba, donde se operó además cuatro veces, alejado de los medios de comunicación, bajo la férrea seguridad cubana y en compañía de su gran aliado y amigo, el líder cubano Fidel Castro.

Este teniente coronel retirado fue elegido por primera vez en 1998, seis años después de liderar un fallido golpe de Estado contra un desgastado sistema bipartidista.

En el periodo más convulso de su controvertida presidencia, sufrió un golpe de Estado (2002) que lo apartó por algunas horas del poder, un paro petrolero de dos meses (2003) y un referéndum revocatorio (2004), que ganó.

Tras su reelección en 2006, radicalizó su proyecto con una mayor intervención del Estado en la economía. Seis años más tarde, al ganar sus últimas elecciones, prometió hacer "irreversible" el socialismo, tarea que heredará Maduro si gana las elecciones.

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/mundo/1091397-murió-el-presidente-de-venezuela-hugo-chávez-america-latina-estremecida-por-la-desaparición-de-líder-bolivariano-tras-su-batalla-epica-por-la-vida>

Maduro asumirá poder tras muerte de Chávez y se convoca a elección en plazo de 30 días

El vicepresidente de Venezuela, Nicolás Maduro, asumirá la presidencia tras la muerte del mandatario Hugo Chávez este martes y el país convocará a elecciones dentro de un plazo de 30 días, dijo el canciller Elías Jaua, quien aseguró seguir órdenes del fallecido líder.

"Ahora se ha producido una falta absoluta, asume el vicepresidente de la República como presidente y se convoca a elecciones en los próximos 30 días. Es el mandato que nos dio el comandante presidente Hugo Chávez", dijo Jaua a la televisora multiestatal Telesur.

Chávez pidió también que "acompañáramos a Nicolás Maduro, al compañero Nicolás Maduro en esta tarea, y es lo que vamos a hacer", añadió el canciller, pocas horas después del fallecimiento del mandatario, que luchaba contra el cáncer desde mediados de 2011.

Antes de ser operado por cuarta vez de cáncer en diciembre, en su última aparición pública, Chávez nombró a Maduro como su heredero político y llamó a los venezolanos a elegirlo presidente en caso de que él no pudiera seguir gobernando.

Jaua es el primer miembro del gabinete en pronunciarse sobre los pasos que se seguirán para sustituir a Chávez en la presidencia venezolana.

No obstante, momentos antes, el diputado oficialista Fernando Soto Rojas dijo que inicialmente tendría que asumir el poder el presidente de la Asamblea Nacional (Parlamento unicameral), Diosdado Cabello.

"Aquí no hay vacío de poder, la Asamblea Nacional con su presidente Diosdado Cabello debe asumir el mando del estado y posteriormente iremos sin duda a un proceso electoral", dijo Soto, destacando que Maduro será el candidato oficialista.

La Constitución venezolana establece que ante la "falta absoluta" de un presidente electo antes de tomar posesión, se "procederá" a elecciones en los siguientes 30 días y mientras tanto asume el presidente del Parlamento. Mientras que si la falta absoluta se produce en los primeros cuatro años de mandato, se procede igualmente a elecciones pero asume temporalmente el vicepresidente.

Chávez, de 58 años y desde 1999 en el poder, fue reelecto en octubre para un nuevo periodo de seis años y su toma de posesión estaba prevista para enero, pero el Tribunal Supremo de Justicia la pospuso a la espera de una recuperación del mandatario, ordenando a la vez la "continuidad" del tren ejecutivo del periodo anterior.

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/mundo/1091455-maduro-asumira-poder-tras-muerte-de-chavez-y-se-convoca-a-eleccion-en-plazo-de-30-dias>

EL OBSERVADOR

<http://www.elobservador.com.uy>

Mundo

Reacciones en el mundo tras la muerte de Chávez

Cristina Fernández suspendió actividades; Evo Morales viajó de forma urgente a Caracas y Ban Ki Moon envió condolencias

La presidenta argentina, Cristina Fernández, suspendió este martes su actividad oficial tras el anuncio de la muerte de su colega venezolano, Hugo Chávez, informaron fuentes oficiales.

Al momento de anunciarse oficialmente en Caracas el fallecimiento de Chávez, Fernández se aprestaba a presidir un acto en la sede del Ejecutivo para hacer anuncios relativos al área de educación.

El acto fue suspendido tras conocerse la muerte de Chávez, informó el Gobierno argentino en su sitio web. La presidencia argentina no ha confirmado aún si se suspenderá la reunión prevista para los próximos días 7 y 8 en la sureña ciudad argentina de El Calafate con la presidenta de Brasil, Dilma Rousseff.

Evo viaja

El presidente de Bolivia, Evo Morales, viajaba este martes por la noche misma noche hacia Caracas para despedir a su homólogo venezolano.

Morales, a quien unía una estrecha relación personal con Hugo Chávez, ofrecerá una conferencia de prensa antes de partir hacia Venezuela, informó a Efe la ministra de Comunicación, Amanda Dávila.

Los edificios oficiales de Bolivia han comenzado a colgar crespones negros en señal de duelo por la muerte del mandatario venezolano, quien falleció en Caracas tres meses después de ser operado por cuarta vez en Cuba del cáncer que padecía.

Dávila añadió que el gobierno boliviano decretará luto oficial por el fallecimiento de Chávez, aunque no precisó de cuántos días será el mismo.

Condolencias desde la ONU

El secretario general de la ONU, Ban Ki-moon, envió sus "sentidas condolencias" al pueblo y al gobierno de Venezuela tras conocer la muerte de Chávez. "Es la primera noticia que tengo y aunque más adelante haré una declaración formal quiero enviar mis sentidas condolencias a la familia del presidente Chávez, así como al pueblo y al Gobierno de Venezuela", dijo Ban ante la prensa en la sede de las Naciones Unidas.

Minuto de silencio en Perú

El Congreso de Perú guardó un minuto de silencio por la muerte del presidente de Venezuela. El pleno del Congreso suspendió por un momento el debate posterior a la presentación del ministro del Interior, Wilfredo Pedraza, al conocerse la noticia de la muerte de Chávez.

De inmediato, el presidente del Congreso, el oficialista Víctor Isla, pidió un minuto de silencio en homenaje al fallecido mandatario, que fue respetado por todos los legisladores presentes.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Zelaya: "Chávez En el corazón del pueblo"

El expresidente de Honduras Manuel Zelaya dijo tras conocer el deceso del gobernante de Venezuela, Hugo Chávez, que él "está en el corazón del pueblo" y lamentó su fallecimiento "que enluta a Latinoamérica".

"El comandante Chávez es un heredero de mil batallas, aquí en nuestra sociedad latinoamericana deja una huella profunda en los pueblos", enfatizó Zelaya. Agregó que "hoy Hugo Chávez pasa a ese lugar de los hombres que nunca mueren, porque está en el corazón del pueblo latinoamericano" y que "hay un profundo dolor en Latinoamérica".

Fonte: <http://www.elobservador.com.uy/noticia/245118/reacciones-en-el-mundo-tras-la-muerte-de-chavez/>

Venezuela

CORREO DEL ORINOCO

<http://correodelorinoc.gob.ve>

Avances, Multipolaridad

Este miércoles

UE destaca contribución de gobierno de Chávez a la integración suramericana

El presidente del Consejo Europeo, Herman Van Rompuy resaltó la disposición de la Unión Europea en profundizar las relaciones con Venezuela

"Venezuela se ha destacado por su desarrollo social y por contribuir a la integración regional de América del Sur", expresó el presidente del Consejo Europeo, Herman Van Rompuy, y el de la Comisión Europea, José Manuel Barroso.

Estas palabras fueron escritas en una misiva de condolencias que enviaron este miércoles al pueblo venezolano, en las que resaltó la disposición de la Unión Europea en profundizar las relaciones con Venezuela.

"Esperando profundizar nuestras relaciones en el futuro, transmitimos al pueblo y al gobierno venezolanos nuestro sincero pésame y simpatía", añadió.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Distintos países del mundo han expresado sus condolencias y solidaridad con el pueblo venezolano, quienes hoy se congregan en las calles para honrar la memoria del presidente de la República, Hugo Chávez.

Texto/AVN

Fonte: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/multipolaridad/ue-destaca-contribucion-gobierno-chavez-a-integracion-suramericana/>

Nacionales, Impacto

Hizo un llamado a la unidad

Nicolás Maduro: El pueblo se encuentra en la calle en paz y tranquilidad

El vicepresidente enfatizó que Chávez "es hoy la encarnación de las ideas y el espíritu más luminoso de una patria que es y quiere ser grande, que es y quiere ser libre, justa e independiente y eso está aquí de ahora y para siempre".

El vicepresidente de la República, Nicolás Maduro, aseguró que el pueblo se encuentra en la calle expresando su sentimiento de dolor por el fallecimiento del presidente Hugo Chávez en total paz y tranquilidad en todo el país.

"Ratificamos el llamado a nuestro pueblo, a todos los sectores del país, un llamado por nuestros niños, niñas y a nuestras familias al respeto, a la paz a que estas horas de dolor sirvan de reflexión profunda (...) sobre la proyección histórica del liderazgo del comandante Hugo Chávez", dijo.

Destacó que el pueblo junto y unido es Chávez y se podrá garantizar el futuro de la patria venezolana, así como lo hizo el líder socialista a lo largo de 14 años, lo que permitió la construcción de la paz en la República.

"Ahora quién garantiza la paz y la protección de la República, es el pueblo unido, pero unido todo, para garantizar el bien más preciado que nos deja el comandante Chávez (...) que es un pueblo consciente, un pueblo lleno de pasión por la patria, una República independiente", comentó.

Puntualizó que Chávez ha dejado un conjunto de retos y enseñanzas que solo colectivamente se podrán materializar. "Él es hoy la encarnación de las ideas y el espíritu más luminoso de una patria que es y quiere ser grande, que es y quiere ser libre, justa e independiente y eso está aquí de ahora y para siempre", concluyó.

Texto / Yorcellys Bastidas

Fonte: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/nacionales/nicolas-maduro-pueblo-se-encuentra-calle-paz-y-tranquilidad/>

TELESUR

<http://www.telesurtv.net/>

Latinoamérica

Unasur: Chavez fue el principal impulsor de la unidad latinoamericana

El secretario general de la Unasur, Alí Rodríguez Araque resaltó este miércoles que al presidente Chávez se le recordará como el gran impulsor y recuperador del sueño de Bolívar de una América unida, de una sola y gran patria grande.

El secretario general pro tempore de la Unasur, Alí Rodríguez Araque, destacó que el presidente de Venezuela, Hugo Chávez, siempre fue consecuente con el ideario bolivariano de la integración de concebir a América como una sola patria y puso todo su empeño en su reunificación.

"Fue consecuente con el ideario bolivariano de la integración de concebir a América como una sola patria, una sola nación y puso todo su empeño en la reunificación de esa gran patria", afirmó en entrevista exclusiva a teleSUR.

Rodríguez Araque destacó que el mandatario venezolano representa el alma de la CELAC, "de este nuevo intento de reconstitución de la patria latinoamericana y caribeña". Por eso afirmó que "el día de ayer (lunes) fue un día de gran impacto en todo el continente y en el mundo, pero particularmente en Venezuela porque Hugo Chávez fue el factor fundamental en la reintegración".

Chávez asumió la tarea de llevar adelante la Unasur, y de crear conciencia en los pueblos latinoamericanos de la necesidad de unidad, afirmó el secretario de la Unasur.

"Se lo recordará como el gran impulsor y recuperador de esta idea originaria de Bolívar, por la que también lucharon Sucre, y Miranda para buscar la independencia de América Latina", indicó.

Además Rodríguez Araque expresó que su trabajo se basó en ser un factor de integración de Venezuela y el resto del continente para que evitar la división en fragmentos, lo que hasta el momento resulta ser un proceso exitoso, según lo que destacó.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Chávez también recuperó la dignidad del país, ahora es un orgullo ser venezolanos", resaltó y apuntó que el presidente Chávez dejó mucho logros, contribuyó a romper el bloqueo de Cuba, ayudó a promover la igualdad de género en el mundo, "el día que se haga el balance de los logros de Chávez será algo extraordinario".

El presidente venezolano, Hugo Chávez, falleció este marte 05 de marzo en la ciudad de Caracas tras librarse por casi dos años una batalla contra el cáncer.

El cuerpo del presidente venezolano será trasladado este miércoles desde el Hospital Militar "Carlos Arvelo" hasta el salón de la Academia Militar, ubicada en las instalaciones de Fuerte Tiuna, donde se realizarán las exequias en capilla ardiente hasta este viernes 8 de marzo a las 10H00 locales, cuando se hará la ceremonia oficial con los jefes de Estado.

Posteriormente se le dará cristiana sepultura, en un lugar que en su momento oportuno será anunciado.

Fonte: <http://www.telesurtv.net/articulos/2013/03/06/el-secretario-general-de-la-unasur-destaco-que-chavez-fue-el-principal-impulsor-de-la-unidad-latinoamericana-3193.html>